



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

PAULO GILBERTO ALVES PEREIRA FERNANDES

**Educar para a Paz na sociedade
contemporânea**
**O contributo da Unidade Letiva 4 do 7º Ano para Paz
Universal**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio
Doutora Rita Mendonça Leite

Lisboa
2019

*“O que me espanta, diz Deus, é a esperança.
E disso não me canso.
Essa pequena esperança que parece não ser nada.
Essa esperança menina.”*¹

*“Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos”*²

*“A educação para a paz é um processo que acompanha
toda a vida desde o seu início. Tornamo-nos adultos quando sabemos
estabelecer uma relação estreita com o mundo,
uma relação harmoniosa aberta ao mundo”*³

¹ C. PÉGUY, *Os portais do mistério da segunda virtude*, Paulinas, Lisboa, 2014, 16.

² S. MELLO BREYNER ANDRESEN, *Dual*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2014.

³ M. L. FRANÇA, T. PEREIRA, “A educação para a paz”, *Communio* 2 (1989) 156.

ÍNDICE

RESUMO	5
ABSTRACT	6
SIGLAS	7
INTRODUÇÃO.....	8
1. A PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA	11
1.1 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA DA PES	11
1.1.1 A Escola.....	11
1.1.2 A Turma.....	18
1.2 A PAZ UNIVERSAL: UNIDADE LETIVA 4 DO 7º ANO.....	20
1.2.1 Introdução à Unidade Letiva.....	20
1.2.2 Gestão da Unidade Letiva 4.....	21
1.2.3 Planificações de Nível IV da Unidade Letiva 4 e o processo ensino-aprendizagem	23
1.3 PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 4	43
1.4 REFLEXÃO GLOBAL SOBRE A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 4.....	45
2. A PAZ	48
2.1 NOÇÃO GERAL DE PAZ.....	49
2.2 A VISÃO CRISTÃ DA PAZ	54
2.3 ETAPAS FUNDAMENTAIS DA HISTÓRIA ACERCA DA PAZ NA CONTEMPORANEIDADE	64
2.3.1 Contexto do Pós II Guerra Mundial e a Criação da ONU (1945).....	64
2.3.2 Carta Encíclica Pacem in Terris 1963, Papa São João XXIII.....	67
2.3.3 Papa São João Paulo II e o Encontro de Assis (1986).....	70
2.3.4 Documento da Fraternidade Humana pela paz mundial e a convivência comum (2019)	74
2.4 O CONTRIBUTO DA EMRC PARA A PAZ.....	76
3. EDUCAR PARA A PAZ: PROPOSTA DE ITINERÁRIO PEDAGÓGICO	81
3.1 ENQUADRAMENTO DO ITINERÁRIO PEDAGÓGICO	81
3.2 PLANIFICAÇÃO DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA	84
CONCLUSÃO.....	89
BIBLIOGRAFIA	93
ANEXOS.....	96

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa de estudos, o Mestrado em Ciências Religiosas, na especialização em Educação Moral Religiosa Católica, quero agradecer a todos os que comigo caminharam e que certamente me fizeram aprofundar a minha atividade como docente, mas também como homem e cristão que sou.

Em primeiro lugar, à Universidade Católica Lisboa, na pessoa do meu orientador Prof. Juan Francisco Garcia Ambrosio que ao longo destes dois anos e concretamente no acompanhamento deste RFPEs sempre demonstrou total disponibilidade e acima de tudo assertividade quando se tratou de rigor e empenho neste relatório; mas também na pessoa da minha coorientadora Prof. Rita Mendonça Leite que tive a oportunidade de conhecer e que foi muito importante para a reflexão acerca da Paz, mostrando, também, a sua total disponibilidade. Para além dos meus orientadores, quero agradecer aos meus colegas de turma que tive o prazer de conhecer e que levo no coração. Sem dúvida que contribuíram para concluir esta etapa.

Em segundo lugar, à minha família, concretamente a minha esposa, Teresa Margarida Resende de Lima Fernandes, e ao meu filho, Mateus Resende de Lima Alves Fernandes que nasceu quando iniciei esta aventura do mestrado. Ambos foram o suporte e o apoio fundamentais para concluir em tempo útil este caminho, mas também à minha mãe que sempre me acompanhou e incentivou para concluir esta etapa.

Em terceiro lugar, quero agradecer aos Salesianos de Manique – Escola, na pessoa do Prof. Frederico Baptista, que me recebeu e acompanhou durante a PES, onde aprendi a ser melhor docente, mas também a desenvolver competências a nível pedagógico importantes para que a disciplina de EMRC seja claramente uma formação integral do ser humano.

Por último, uma palavra de agradecimento ao Colégio Moderno, onde exerço desde 2013 a minha atividade como docente de EMRC, concretamente a Diretora, Dra. Isabel Soares, que desde o primeiro momento mostrou disponibilidade para oferecer as condições necessárias para fazer este mestrado, mas também pelas palavras de incentivo para que o fizesse de modo a que pudesse continuar a exercer a minha atividade como docente de EMRC no Colégio. A conclusão deste mestrado foi possível dada a sua prontidão em apoiar.

E a todos aqueles e aquelas que direta ou indiretamente me apoiaram com a sua presença ou com a sua oração, o meu profundo agradecimento.

RESUMO

Num mundo marcado por conflitos a vários níveis, é importante voltar a repensar uma educação orientada para a Paz que procure restabelecer a harmonia e o bem-estar de todos. É urgente uma reflexão séria e transparente em ordem ao bem comum, para isso, é necessário reconhecer que a construção da Paz é uma tarefa de todos e para todos: a nível político, social, familiar, religioso.

Cada vez mais assistimos a uma profunda crise de valores básicos e fundamentais para uma vivência numa sociedade equilibrada; assistimos a uma sociedade cada vez mais marcada por desequilíbrios, desigualdades, egoísmos, sedes de poder, ausência de Paz.

No presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada é apresentada uma reflexão aprofundada acerca do tema da Paz, começando pela demonstração daquilo que foi a experiência da Prática de Ensino Supervisionada no núcleo de estágio dos Salesianos de Manique – Escola, onde se reflete sobre os progressos e dificuldades da prática letiva; em seguida, fruto do estágio, apresento uma reflexão acerca da Paz. Esta será desenvolvida através de uma noção geral de Paz, o contributo cristão, bem como a exposição de alguns momentos significativos da contemporaneidade onde se progrediu em favor da Paz; terminando com uma proposta pedagógica onde os alunos, através de um projeto, procuram à luz da poesia fazer a sistematização dos conteúdos da Unidade Letiva, a Paz Universal.

Surge assim a possibilidade de os alunos da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica trabalharem o tema da Paz através da poesia.

Palavras-Chave: Educação Moral Religiosa Católica (EMRC), Paz, educação para a paz, valores, contemporaneidade, perspetiva cristã.

ABSTRACT

In a troubled world where conflicts happen everywhere, it is important to rethink education, enhancing the importance of Peace in establishing harmony and welfare to everyone. It urges a serious and transparent reflection in order to global welfare, so it is necessary to recognize that implementing peace is a task for each one of us and to all of us: in politics, social life, family and religion.

We increasingly assist to a profound crisis in our society values, values which are fundamental for balanced societies. Nowadays, we watch uneven societies, unbalanced and selfish, where thirst for power rules and consequently there is a lack of peace.

The Supervised Teaching Practice Final Report investigates upon the assumption of the importance of reflecting on peace. It starts upon the experience of the Supervised Teaching Practice in the Salesianos de Manique School, where progress and difficulties are discussed.

On behalf of the supervised teaching practice, it is a reflection on Peace and a general and Christian perspective, briefly approached, as well as a look on significant moments of contemporary history to the progression of the theme.

It is concluded with a pedagogical proposal where students through poetry will study the contents of the teaching unity - the universal peace. This study will permit that catholic and religious education students study peace through poetry.

Keywords: Catholic Moral and Religious Education (EMRC), Peace, Values, Contemporaneity, Christian Perspective.

SIGLAS

ACNUR – *Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados*

AT – *Antigo Testamento*

DH – *Dignitatis Humanae*

EG – *Evangelii Gaudium*

EMRC – *Educação Moral Religiosa Católica*

ESM – *Escola Salesiana de Manique*

GS – *Gaudium et Spes*

LS – *Laudato Si*

NT – *Novo Testamento*

ONU – *Organização das Nações Unidas*

PES – *Prática do Ensino Supervisionada*

PP – *Populorum Progressio*

PT – *Pacem in Terris*

RFPEs – *Relatório Final da Prática do Ensino Supervisionada*

SRS – *Sollicitudo Rei Socialis*

INTRODUÇÃO

Este Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada é o resultado de um conjunto de competências adquiridas ao longo de dois anos de mestrado, mas também da experiência acumulada durante seis anos no colégio onde exerço a minha atividade como docente de EMRC. Ambas permitiram que chegasse à redação deste Relatório mais enriquecido e com o desejo de apresentar uma reflexão da minha prática pedagógica.

O resultado adquirido na experiência do ensino supervisionada permitiu desenvolver competências, enquanto docente da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica, que procurarei referir neste Relatório. O tema escolhido foi *Educar para a Paz na sociedade contemporânea*. Este é fruto da Unidade Letiva de referência que é a Paz Universal, UL 4 do 7º Ano de Escolaridade, mas também da consciência da sociedade e mundo atuais, cada vez mais marcados por conflitos, desequilíbrios, desigualdades, egoísmos, sede de poder. Contudo, não deixo de sublinhar os passos dados e significativos ao longo da história que muito nos orgulham e merecem ser destacados. Mesmo assim há muito trabalho a fazer e a construir para um mundo mais pacífico e harmonioso.

Deste modo, este relatório está estruturado em três grandes partes: a primeira parte diz respeito à experiência da Prática de Ensino Supervisionada, onde partilho e faço uma reflexão acerca das aulas supervisionadas, destacando as dificuldades e os progressos que foram acontecendo ao longo da Prática de Ensino Supervisionada (PES), bem como as planificações das aulas e respetivos relatórios que dão a conhecer o trabalho desenvolvido, e as questões a refletir futuramente. Surge também a riqueza pedagógica e didática da unidade letiva, a Paz Universal, desde a sua pertinência para os alunos, como o equilíbrio dos temas da própria Unidade. Numa segunda parte, e resultado da prática letiva, apresento uma reflexão teórica acerca da Paz, onde começo por desenvolver uma possível noção geral de Paz, o contributo cristão, um breve destaque das etapas fundamentais acerca da Paz na contemporaneidade, e termino com o contributo da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica para a Paz,

procurando sublinhar como o tema da Paz é tratado ao longo de todo o programa. Na terceira parte do Relatório apresento uma proposta de itinerário pedagógico que é resultado tanto da prática supervisionada como da reflexão teórica acerca da Paz. Numa primeira fase procuro desenvolver o enquadramento da proposta, destacando o papel do trabalho projeto e da poesia como caminhos pedagógicos e didáticos para trabalhar com os alunos a sistematização dos conteúdos da Unidade Letiva, mas também apresentar uma solução diferente de trabalhar os mesmos. Numa segunda fase apresento uma proposta de planificação das aulas de modo a trabalhar a proposta, bem como os materiais possíveis para os alunos compreenderem o que é pedido e se inspirarem. Numa última fase destacam-se as conclusões gerais a retirar da proposta.

Estas três partes, complementares, procuram desaguar numa questão de fundo que atravessa todo o Relatório que é a construção da Paz como desafio de todos e para todos. Esta, procura ser uma preocupação a refletir ao longo de todo o Relatório e que tem na poesia um caminho possível, visto que “a poesia é assim uma grande pedagogia contra o lugar comum, o cliché, a vacuidade ou a tagarelice de uma época”⁴. Creio que José Manuel dos Santos faz esta afirmação como uma provocação e que pode ser perfeitamente aplicada ao tema do meu relatório. Construir a Paz implica uma fuga ao óbvio e às frases tipicamente bonitas que muitas vezes marcam os discursos acerca da Paz. São necessárias ações concretas, uma atitude ativa e comprometida com a sociedade e o mundo. Para isso, é importante começar pela formação dos alunos e aí, a disciplina de Educação Moral Religiosa Católica, que se preocupa pela formação integral dos mesmos, tem um papel e contributo significativos:

“A EMRC tem como grande finalidade a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas

⁴ C. MODERNO, *A Paz vista pelos alunos do Colégio Moderno*, Lisboa, 2005, 10.

outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa”⁵.

Para além do papel significativo no que diz respeito à formação integral dos alunos, quero destacar deste excerto a questão da relação com outras áreas do saber. A proposta de itinerário pedagógico também vai ao encontro desta relação, na medida em que está pensada para poder se explorada em colaboração, concretamente, com a disciplina de Língua Portuguesa. Certamente a EMRC terá a ganhar sempre que se colocar numa postura de diálogo. Não podemos menosprezar o contributo de outras áreas do saber, se o fizermos, seremos os primeiros a sair fragilizados. Como sabemos, vários conteúdos da disciplina de EMRC são transversais a outras disciplinas.

Deste modo, tentarei que este Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada (RFPES) seja um contributo para a reflexão acerca da Paz, bem como uma proposta possível para trabalhar o tema com os alunos, dada a pertinência do tema na atualidade.

⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014, 5.

1. A PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA

A Prática do Ensino Supervisionada (PES) é um momento importante e significativo no percurso académico no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas. O caráter profissionalizante do mesmo obriga a que os conteúdos trabalhados em teoria sejam aplicados e desenvolvidos em contexto prático e sob supervisão, de modo a que se possa acompanhar a evolução do processo de lecionação. No fundo, surge como um momento importante para passar da parte teórica para o contato com a realidade concreta da escola onde o professor de EMRC desenvolve a sua lecionação.

Do mesmo modo, a PES é um espaço de laboratório, de experimentação, onde se criam materiais pedagógicos, planificações de aulas, métodos de avaliação, propostas de projetos, de modo a rentabilizar ao máximo o processo de ensino-aprendizagem, onde os alunos são o centro e ao mesmo tempo os construtores dos conteúdos. Neste sentido, o papel do professor é o de conduzir os alunos ao conhecimento e não apenas o de ser um transmissor de conteúdos.

Neste primeiro ponto, será abordada a caracterização da escola e da turma onde decorreu a Prática do Ensino Supervisionada: os Salesianos de Manique – Escola. Ambas são importantes para uma melhor compreensão e reflexão sobre a prática pedagógica. Para uma melhor eficácia da prática letiva, é importante conhecer o meio envolvente da escola, bem como o projeto educativo, assim como apresentar as características específicas da turma onde decorreu a PES.

1.1 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA DA PES

1.1.1 A Escola

A Escola Salesiana de Manique (ESM) é uma escola particular, com regime misto, ou seja, é uma escola que está aberta a todos e que procura chegar a todos, de acordo com o próprio projeto educativo, mas também com o próprio modelo educativo inspirado em São João Bosco. A escola desenvolve uma proposta educativa desde o segundo ciclo até ao ensino secundário⁶. É frequentada por quase dois mil alunos, sendo mais de metade abrangidos pelo contrato de associação e os restantes alunos frequentam esta escola no âmbito da lecionação paga⁷.

O corpo docente da ESM é formado por cento e vinte professores profissionalizados e noventa e oito funcionários. Também integram a ESM dois psicólogos, um professor de educação especial, uma associação de estudantes, uma associação de pais e os órgãos diretivos⁸.

A entidade titular é o Centro Educativo Salesiano – IPSS, com sede na Rua dos Salesianos, 1 Manique de Baixo - Alcabideche, que se faz representar pelo seu Presidente, que em conjunto com outros Salesianos colaboradores, é o garante da identidade salesiana da escola⁹.

A ESM é uma instituição popular, inclusiva, livre e aberta a todas as classes sociais, onde se educa em dinâmica relacional e de partilha, mediante um Projeto Educativo específico inspirado no humanismo cristão no qual participam de forma corresponsável todos os membros da Comunidade Educativa¹⁰.

O Projeto Educativo da ESM:

“Procura traduzir a identidade da Escola Salesiana de Manique cuja missão é a promoção integral da pessoa, onde se procura o crescimento e o amadurecimento de cada aluno em todas as suas dimensões, através de uma educação que se caracteriza

⁶ Cf. *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014*, 4. Apesar da PES se realizar no ano letivo 2018/2019, o Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique que está em vigor ainda é relativo a 2010-2014.

⁷ Cf. *Plano de Desenvolvimento Curricular 16/17 /Salesianos de Manique – Escola*, 7. Apesar da PES se realizar no ano letivo 2018/2019, o Plano de Desenvolvimento Curricular que está em vigor ainda é relativo a 2016-2017.

⁸ Cf. *Ibidem*, 8

⁹ Cf. *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014*, 4.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, 4.

pelo espírito de família, pelo clima de alegria, pelo sentido de festa e pela participação criativa, utilizando o ambiente educativo, como veículo e proposta de valores.”¹¹.

Este Projeto Educativo encontra-se assim centrado na relação professor-aluno aliada à trilogia preventiva Salesiana (Razão, Religião e Amabilidade), onde o seu principal objetivo passa pela formação de “Bons Cristãos e Honestos Cidadãos”¹².

Segundo Richard Arends, o princípio referido anteriormente da corresponsabilidade e participação de todos os elementos da comunidade educativa na atividade educativa, é favorável à aprendizagem dos alunos que “não depende apenas do que os professores fazem nas aulas, é também muito influenciada pelo que os professores e os pais fazem em conjunto”¹³. A escola não é somente um local onde os alunos aprendem, é também um espaço onde adultos exercem uma diversidade de papéis educacionais.

De acordo com o ideário salesiano, a educação ministrada na ESM é marcada pela inspiração cristã:

“Educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, harmoniza o desenvolvimento humano com o crescimento cristão, constituindo um espaço privilegiado de educação e evangelização dos jovens. Reúne em si uma síntese coerente e desenvolvida dos valores evangélicos, das orientações do magistério e das orientações legislativas em vigor, num estilo peculiar baseado no método pedagógico de S. João Bosco. Neste sentido, valoriza a “personalização” das relações educativas mediante a presença de educadores no meio dos alunos, a sua participação na vida dos jovens e a sua disponibilidade para estar com eles”¹⁴.

A pedagogia salesiana é uma pedagogia prática, baseada sobretudo no contacto entre educadores e jovens e na relação que entre eles se estabelece como já foi referido. Aconteceu assim no tempo do Santo Fundador, assim continua a ser atualmente. D. Bosco amou ao infinito cada jovem, em especial, os mais pobres. O essencial da pedagogia salesiana reside, porém, no facto da educação ser "coisa do coração": a isso se resume, afinal, o método educativo dos Salesianos, tendo sido assumido como lema da escola¹⁵.

¹¹ *Ibidem*, 3.

¹² *Ibidem*, 5.

¹³ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1995, 26.

¹⁴ *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014*, 4.

¹⁵ Cf. *Plano de Desenvolvimento Curricular 16/17 /Salesianos de Manique – Escola*, 6.

Através da consulta do Plano Anual de Atividades ¹⁶ é possível observar a importância da Pastoral na comunidade educativa. A sua presença faz-se notar diariamente no acolhimento aos alunos com os “Bons dias”, uma proposta de reflexão e oração, a realizar no início da primeira aula da manhã; nas festas da escola em torno de São João Bosco e de Maria Auxiliadora; nos encontros no âmbito do movimento juvenil salesiano; nas atividades de voluntariado, de aprofundamento da fé e nos encontros vocacionais.

Fiel ao seu ideário e missão, tomando como referentes os pressupostos da Lei de Bases do Sistema Educativo, a ESM deseja orientar a sua ação educativa conforme os seguintes princípios:

“Centralidade do aluno - o aluno está no centro do ato educativo, favorecendo uma formação integral e uma aprendizagem de saberes e valores em função da sua vida; ambiente educativo, marcado pelo espírito de família - toda a comunidade educativa vive em ambiente de família, de modo que todos, alunos, pais, professores, pessoal auxiliar, salesianos, colaborem e se encontrem na escola como na sua própria casa; proximidade educativa - os educadores participam na vida dos jovens e disponibilizam-se para estar com eles, dentro e fora da sala de aula. Promove-se a presença na vida dos jovens para evitar tudo quanto possa ter ressonâncias negativas definitivas. A proximidade educativa ajuda a superar situações que possam incidir negativamente no crescimento integral da personalidade dos educandos; corresponsabilidade e participação - todos os elementos da comunidade educativa são responsáveis pela atividade educativa, favorecendo a solidariedade e cooperação, no respeito pelas tarefas próprias de cada um e do princípio da subsidiariedade; critério preventivo - segue de perto as orientações do sistema preventivo promovido por Dom Bosco, privilegiando as experiências positivas, antecipando o aparecimento de situações ou hábitos negativos, desenvolvendo positivamente as forças interiores da pessoa, criando um ambiente que estimule, sustente e desenvolva o gosto pelo bem; igualdade - ultrapassar todas as formas de discriminação, favorecendo um ambiente de tolerância informada e crítica, respeitando a diferença e favorecendo a inclusão; qualidade do ensino e das aprendizagens - respeito pelas normas e orientações dos órgãos educativos, cumprimento dos programas, uso de materiais educativos oportunos, promoção de aprendizagens significativas”¹⁷.

Os princípios que orientam a ação educativa da ESM referidos anteriormente estão em consenso com os desafios do ensino do século XXI indicados por Richard Arends: “ensinar

¹⁶ Cf. www.manique.salesianos.pt/escola/calendarizacao-anual-de-atividades 2/11/18 18:27

¹⁷ Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014, 6.

numa sociedade multicultural; ensinar para a construção do significado; ensinar para a aprendizagem ativa e ensino e responsabilidade”¹⁸.

A ESM não é só um lugar de transmissão de saberes, mas um espaço de formação integral da pessoa: a par com a formação científica e intelectual, a escola promove valores e atitudes que privilegiam a construção da dignidade individual e do respeito pela sociedade. É de salientar os seguintes valores: confiança, alegria, liberdade, tolerância cidadania, verdade, justiça, trabalho, paz, cooperação e solidariedade¹⁹.

Em relação às atitudes²⁰ destacam-se as seguintes: escutar os outros, autoestima, sentido de humor, otimismo e esperança, autonomia, responsabilidade, respeito pelos outros, aceitar a diferença, cumprimento das regras, disciplina, participação ativa na sociedade, definição de objetivos, motivação, cumprimento do dever, perdoar, amizade, companheirismo, escola-comunidade, comunicação, partilhar e dar-se.

Como foi referido anteriormente, a ESM orienta a sua ação educativa de acordo com o princípio da igualdade e promove valores que privilegiam o respeito pelo social, nomeadamente a “justiça – repulsa pelas desigualdades entre indivíduos, grupos, povos e nações, e o dever de dar a cada um o que lhe é devido”²¹ demonstrando assim uma política de equidade²².

No que concerne à caracterização socioeconómica, a ESM abrange a população de Manique, uma parte da Adroana, do Bairro de 16 de novembro e dos bairros sociais do Miradouro, dos Bem Lembrados, da Cres e da Estrada, com um número significativo de famílias realojadas, oriundas dos PALOP e de outras nacionalidades, que apresentam problemas de desemprego, de pobreza e de marginalidade. Simultaneamente, tem crescido a construção de moradias e condomínios com uma população de nível socioeconómico médio-alto. Portanto, entre a sua população, registam-se padrões de comportamento e valores

¹⁸ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 8.

¹⁹ Cf. *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014*, 7

²⁰ Cf. *Ibidem*, 7-8.

²¹ Cf. *Ibidem*, 7.

²² R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 44.

bastante diversificados, na maioria das vezes difíceis de uma caracterização própria, o que origina grandes contrastes de ordem sociocultural e familiar e situações de difícil interação. O nível cultural da população é, de modo geral, baixo, diversificando com a origem das populações²³.

A ESM depara-se assim com uma população escolar muito heterogénea, quer em termos culturais, quer em termos socioeconómicos, tendo a sua origem em distintas realidades culturais e sociais. Na presença de contextos socio económicos tão opostos, estamos perante o que Richard Arends apelidou de “sociedade multicultural”²⁴. Diante desta realidade, a escola precisa que os docentes possuam um repertório de estratégias de ensino eficazes para poderem trabalhar com jovens de origens culturais diversificadas²⁵.

Atualmente vivemos numa sociedade multicultural e um dos desafios do ensino para o professor do século XXI é precisamente ensinar numa sociedade multicultural, transformando as escolas e as abordagens ao ensino, por forma a atender às necessidades de uma população escolar muito mais diversificada²⁶, como no caso dos alunos da ESM. Os docentes do século XXI terão de dominar diversas bases de conhecimentos académicos, pedagógicos, sociais e culturais, e tornarem-se professores reflexivos e capazes de solucionar problemas, para ensinar em salas de aula culturalmente diversificadas²⁷.

Segundo Richard Arends “são necessárias ações a nível escolar, para tornarem o ensino mais recetivo a alunos com origens diferentes ou necessidades especiais”²⁸. Neste sentido, na ESM surge uma ação educativa orientada pelos seguintes princípios, referidos anteriormente:

“Proximidade educativa, corresponsabilidade e participação de todos os elementos da comunidade educativa na atividade educativa e ambiente educativo marcado pelo

²³ Cf. *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014*, 9

²⁴ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 8.

²⁵ Cf. *Ibidem*, 11.

²⁶ Cf. *Ibidem*, 8.

²⁷ Cf. *Ibidem*, 15.

²⁸ *Ibidem*, 81.

espírito de família, em que toda a comunidade educativa vive em ambiente de família, de modo a que todos contribuam e se estejam na escola como na sua própria casa”²⁹.

Os Salesianos estão em Manique desde o dia 1 de outubro de 1953. O atual edifício “Bloco A” foi o primeiro a ser construído, num terreno doado pela família Sousa Lara. O local onde se situa a ESM, no começo era uma casa de formação para jovens que desejavam entrar para a Congregação Salesiana, Seminário Maior (até 1980) e residência para estudantes salesianos (até 1996)³⁰.

“O contacto dos Salesianos com a população local e o desejo de responder às necessidades da mesma, levou-os a promover um conjunto de iniciativas educativas que vão desde aulas elementares para adultos em 1961, ao ensino chamado de “Tele-Escola”, inscrito no Ministério da Educação com o nº 397 e que se manterá de 1970 até ao ano letivo de 1979/80, ultrapassando o número de cem alunos”³¹.

No ano letivo de 1980/81 tem início a ESM com o 1.º ano do Ciclo Preparatório, com 61 alunos matriculados. Em 1984 inicia-se o ensino unificado, atual 3º Ciclo. No ano letivo de 1990/91, a Escola ultrapassa o milhar de alunos, repartidos pelos 2.º e 3.º ciclos. A 7 de outubro de 1992 lança-se a primeira pedra para as novas instalações: um novo edifício de aulas; refeitório, cozinha e apoios; um pavilhão gimnodesportivo, campos de jogos e recreios escolares. Estas instalações foram inauguradas no dia 24 de março de 1994. No ano letivo de 1994/95, leciona-se, pela primeira vez, o 12.º ano³².

No que concerne às instalações da ESM estas estão estruturadas em seis edifícios, identificados por letras de A a H. Com exceção dos edifícios F, G e H, respetivamente Pavilhão Gimnodesportivo, sala de Educação Visual e a Piscina, todos os edifícios têm corredores de ligação entre si. As salas de aulas dividem-se pelos edifícios A, B, C e G e estão na sua maioria equipadas com televisão, vídeo/leitor de DVD, computador e projetor. No edifício D, funciona a cantina com cozinha própria e respetiva dispensa, e no edifício E, entre

²⁹ *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014*, 6.

³⁰ Cf. *Ibidem*, 10.

³¹ *Ibidem*.

³² Cf. *Ibidem*.

outros, estão instalados os Serviços de Psicologia e Orientação, o Centro Pastoral e as salas de atendimentos dos Pais e encarregados de Educação³³.

A escola nas suas instalações incorpora ainda, entre outros, uma Biblioteca, um Centro Musical, dois auditórios, um ginásio específico para a prática de ginástica, pista de Atletismo, campos de ténis, diversos campos desportivos, posto médico, capela e uma bio horta³⁴.

A sala de aula oferece as condições necessárias, através dos equipamentos que a compõem, para os alunos trabalharem e adquirirem as aprendizagens essenciais. Segundo Richard Arends “os computadores e as tecnologias de telecomunicação terão um impacto significativo na atual geração de professores porque oferecem importantes vantagens sobre outras ferramentas educacionais”³⁵. Este autor faz referência ao facto de as apresentações em multimédia serem mais eficientes e motivantes do que a utilização do quadro.

1.1.2 A Turma

Relativamente à caracterização da turma, devido à proteção dos dados, esta é a caracterização possível, não deixando de referenciar os elementos mais significados.

A turma onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada era constituída por vinte e sete alunos, dezasseis raparigas e onze rapazes. Destes, 23 alunos tinham 12 anos de idade; dois tinham 13 anos, um 14 e um 15. No que respeita ao percurso escolar dos alunos, registaram-se três com retenções anteriores. Todos os alunos eram de nacionalidade portuguesa. Dois dos alunos eram órfãos de pai e um estava institucionalizado. Relativamente às habilitações literárias dos pais, encontrámos um com doutoramento, sete com licenciatura, um com bacharelato, um com o ensino secundário e três com o terceiro ciclo do Ensino Básico. Em relação às mães, duas tinham doutoramento, uma, mestrado, cinco, licenciatura,

³³ Cf. *Ibidem*, 11.

³⁴ Cf. *Ibidem*, 11-12.

³⁵ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 18-19.

duas, o ensino secundário, uma, o terceiro ciclo do ensino básico e uma, o primeiro ciclo do ensino básico.

Do ponto de vista da aprendizagem, os alunos desta turma, durante a Prática do Ensino Supervisionada, demonstraram um percurso evolutivo relevante, na medida em que as participações em aula foram sendo cada mais pertinentes, mas também com maior consistência e à vontade. Sendo uma turma de vinte e sete alunos, todos demonstraram capacidade de trabalho e muito prestáveis para colaborar, tanto no trabalho individual como em grupo. Ainda assim, foi notório a dificuldade na passagem da vontade para a parte colaborativa do trabalho, onde surgiram as maiores dificuldades de saberem como trabalhar em grupo. Diversas vezes foi refletido em reuniões do núcleo, a necessidade de encontrar mecanismos para ajudar os alunos a ultrapassar essa dificuldade. Para tal, a turma sentiu sempre a necessidade de supervisão por parte do professor para desenvolver os trabalhos.

Ao nível humano, estamos a falar de uma turma bastante simpática, mas que é preciso conquistar. Claramente verificou-se, com o passar do tempo, um aprofundamento da relação professor e aluno, onde a cada dia de aula ia existindo uma maior proximidade. Mesmo os alunos com mais dificuldades ou considerados mais agitados, demonstraram uma evolução significativa no seu empenho em aula, traduzindo, concretamente, no nível final de cada período de aulas.

No que diz respeito à sala de aula onde a turma aprofundou os conhecimentos, podemos afirmar, com clareza, que esteve adequada para o número de alunos, bem como ofereceu os materiais necessários para que o professor pudesse lecionar da melhor forma possível, com projetor e quadro interativo, um computador com software adequado e atualizado, proporcionando aos alunos uma maior riqueza educativa.

Tendo em conta as características da turma, procedeu-se à construção de um percurso a realizar pelos alunos, de acordo com as metas, objetivos e conteúdos propostos pelo Programa

de Educação Moral Religiosa Católica de 2014. A primeira Unidade Letiva do 7º Ano a ser trabalhada no âmbito da PES foi a Paz Universal.

1.2 A PAZ UNIVERSAL: UNIDADE LETIVA 4 DO 7º ANO

1.2.1 Introdução à Unidade Letiva

A Unidade Letiva 4, a Paz Universal, do 7º ano escolaridade, é uma unidade fundamental e estruturante no percurso de aprendizagem dos alunos, e nesse sentido, assume-se interessante do ponto de vista pedagógico, tanto para os alunos, como para o professor. A sua pertinência reflete-se no contexto da sociedade e do mundo em que vivemos hoje, marcados por conflitos, guerras, egoísmos, corrupção, ausência de respeito pela dignidade da vida humana, pelas desigualdades sociais, políticas, educativas, culturais. Neste sentido, abordar a Paz Universal com os alunos é uma oportunidade única e singular para desenvolver nos alunos o sentido mais profundo de Paz que começa no interior de cada um e que se concretiza nas ações concretas do quotidiano. Também é uma oportunidade de transmitir que a vivência da Paz não é uma missão utópica, que só conseguimos a Paz com a guerra, mas que é possível fazer a Paz e educar os alunos para a Paz começando por colocar Paz à nossa volta, com aqueles e aquelas que cruzam a nossa vida: família, amigos, desconhecidos, professores, funcionários. No fundo, todas as pessoas com quem nos cruzamos.

Para tal, foi necessário olhar para o Programa de Educação Moral Religiosa Católica de 2014 e compreender quais as metas e objetivos que constam na Unidade Letiva e refletir, em primeiro lugar, o que se pretende construir com os alunos, que caminho queremos fazer, de modo a obter o maior rendimento dos alunos e acima de tudo, ajudá-los a compreender o sentido da Paz. Neste sentido, foram trabalhados os seis objetivos propostos pelo programa da disciplina, relativamente do 7º ano, isto é: valorizar a Paz como orientador do sentido da

realidade humana, interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da Paz, reconhecer que o direito à Paz é Universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos, reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa, identificar a Paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos e identificar o papel das religiões na construção da Paz em situações vitais do quotidiano. Estes objetivos que considero estruturantes e de acordo com o que se pretende tratar, foram fundamentais para que a lecionação tivesse um encadeamento lógico, mas também uma orientação gradual no percurso dos alunos. Estes, procuraram desde o primeiro momento adotar uma atitude e postura de querer aprender e mostraram-se envolvidos com o trabalho de aula, bem como com o aprofundamento dos conhecimentos em diálogo com o professor. A preparação prévia dos conteúdos escolhidos para trabalhar em aula possibilitou uma melhor explicação dos mesmos, como também permitiu que os alunos tivessem entusiasmo nas suas participações e até partilhar a sua visão acerca da Paz, ficando os mesmos a compreender que a Paz não é apenas ausência de guerra. Ora, os conteúdos apresentados pelo programa da disciplina para serem trabalhados, foram concretizados em aula, sendo suficientes para compreender o sentido da Paz Universal.

1.2.2 Gestão da Unidade Letiva 4

O Programa de Educação Moral e Religiosa Católica de 2014, do 7º Ano do Ensino Básico, oferece uma proposta de Unidades Letivas a serem trabalhadas pelos alunos ao longo do ano, desde o tema das Origens, abordando as Religiões, aprofundando o Sentido e a Riqueza dos Afetos e por último a Paz Universal. Estamos a falar de um conjunto de Unidade Letivas que assumem um papel fundamental na construção do pensamento dos alunos, bem como na construção do ser humano.

Apesar do Programa de Educação Moral Religiosa Católica de 2014 apresentar uma sequência de temas das Unidades Letivas, no Núcleo da Prática do Ensino Supervisionada, foi decidido modificar a ordem das Unidade Letivas a trabalhar com os alunos. Assim, a primeira Unidade Letiva a ser trabalhada com os alunos foi a Unidade Letiva 4 – a Paz Universal. A seleção de metas teve como principal critério levar a cabo uma boa gestão do programa, que requer uma adequação equilibrada e eficaz das metas e saberes ao contexto. Um elemento importante a ter em conta na seleção de metas é o Projeto Educativo de Escola, que tem como principal objetivo a formação integral do educando. Parece-nos que as metas escolhidas darão um contributo significativo para alcançar as metas do Projeto Educativo de Escola. Sendo uma escola particular, mas com regime misto, como fiz referência anteriormente, significa que é aberta a todos, e como tal, as metas do programa devem estar orientadas para todos, visto que a disciplina de EMRC é ela também aberta a todos e tem como principal objetivo trabalhar as várias dimensões do ser humano. O modo como são trabalhadas as metas exige sempre uma ligação ao contexto dos alunos, partindo das situações concretas do quotidiano. O tema da Paz Universal é claramente um tema que toca as experiências de vida de cada aluno. A importância de estimular nos alunos a capacidade de refletir, implica que a planificação das aulas seja sempre feita e construída a partir das metas e objetivos a trabalhar com os alunos. Neste sentido, o Projeto Educativo da Escola está em sintonia com as metas trabalhadas, porque o mesmo procura formar alunos que sejam construtores da Paz.

Para trabalhar estas metas decidimos proceder a uma alteração da ordem das Unidades Letivas, para que existisse um melhor encadeamento dos temas, tendo presente os dias comemorativos do calendário civil. Deste modo procurámos terminar a Unidade Letiva 4 – a Paz universal no dia em que se celebra o dia Mundial dos Direitos Humanos. Aos alunos foi proposto um projeto que tem como finalidade a consolidação dos conteúdos desenvolvidos nesta Unidade Letiva e que consistiu na elaboração de um projeto com o tema “Instituições de Promoção da Paz”. Importa referir também que esta Unidade Letiva pode ser desenvolvida

em conjunto com outras disciplinas, cujos conteúdos são comuns. Depois foi abordada a Unidade Letiva 2 acerca das Religiões, a Unidade Letiva 3 acerca da Riqueza e o Sentido dos Afetos, e terminámos este percurso com a Unidade Letiva 1 acerca das Origens. A razão pela qual a Unidade Letiva 1 das Origens foi lecionada apenas no terceiro período, prende-se com o facto de serem temas interdisciplinares, e, como tal, já foram tratados, detalhadamente, por outras disciplinas ao longo do ano. Para esta Unidade Letiva, foi proposto um projeto que foi avaliado pelo professor cooperante, visto que as aulas do Núcleo da PES terminaram a meio de maio.

Relativamente à Unidade Letiva 4 foram previstas oito aulas para trabalhar as metas, os objetivos e conteúdos propostos pelo programa de EMRC de 2014. Cumprindo com o planificado, creio que esta Unidade Letiva foi fundamental e adequada aos alunos. Os conteúdos propostos são estruturantes para os alunos, sobretudo nos tempos atuais marcados por grandes conflitos familiares, políticos, ecológicos e guerras. Deste modo, é sempre importante trabalhar com os alunos estes temas, alertando-os para a necessidade de compreenderem que a Paz Universal é uma missão de todos, que é no concreto do quotidiano que se trabalha e que é mais do que a simples ausência de guerra.

1.2.3 Planificações de Nível IV da Unidade Letiva 4 e o processo ensino-aprendizagem


Salesianos de Manique – Escola
Planificação das Aulas – Nível 4

Plano de Aula – Aula 5

23 de outubro de 2018 – 7º C

Unidade Letiva: 4 do 7º Ano: «A Paz Universal»

Sumário: Revisão de Vida. A Paz Universal. Leitura do texto de Nelson Mandela.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa	Aprendizagens Essenciais
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	<p>- A paz, o grande sonho da humanidade;</p> <p>- A paz, mais do que ausência de guerra ou de conflito.</p> <p>- A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa.</p>	- Acolhimento	45m	Quadro/Caneta	Atenção, empenho e participação na aula e nas atividades propostas.	A. Linguagens e Textos
			- Leitura da página 120 do manual.	5	Projedor/Computador		
			- Diálogo com os alunos acerca do significado de Paz.	5	Manual		
			- Desafio: o que pretendo fazer este ano que seja expressão de Paz (escrever no caderno diário).	15	Quadro/Caneta		
			- Síntese da aula	10	Portefólio		
				5		Curiosidade e Interesse	D. Pensamento Crítico e Pensamento Criativo
							I. Saber científico, técnico e tecnológico

Proposta de Síntese: Compreender a Paz como valor universal.

Esta aula foi a primeira da Prática do Ensino Supervisionado, tendo como Unidade Letiva de referência a Unidade Letiva 4, do 7º Ano, a Paz Universal.

Nesta aula, de acordo com o Programa da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica de 2014, procurou-se trabalhar a meta “Q”, reconhecer à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. Como objetivos, desenvolvemos a valorização da paz como valor orientador do sentido da realidade humana. Ao nível dos conteúdos, foram trabalhados os seguintes: a paz, o grande sonho da humanidade; a paz, mais do que ausência de guerra ou de conflito; e a paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa.

Partindo das metas, objetivos e conteúdos, defini estratégias que ajudassem os alunos a compreender a síntese da aula: compreender a Paz como valor universal. Para tal, selecionei a página 120 do manual, procurei estabelecer um diálogo com os alunos acerca do significado de Paz e propus um desafio semanal de procurar colocar paz em todas as situações conflito que surgissem. Do ponto de vista da avaliação formativa, tive presente a atenção, o empenho e participação dos alunos nas atividades propostas, bem como a curiosidade e interesse demonstrados.

Tendo como base o plano de aula estipulado, surgiu um imprevisto que reduziu a aula a quinze minutos, devido aos alunos terem um momento de revisão de vida, em vista à preparação do dia da santidade juvenil que decorria no dia seguinte. Neste sentido, foi uma aula atípica que me obrigou a reajustar por completo o que tinha planeado, sendo uma experiência importante e útil, na medida em que pode acontecer situações que não controlamos e que temos que saber estar prontos para dar resposta. Segundo o professor cooperante, na sua avaliação da aula, as condições para aula não foram as melhores. Contudo, no pouco tempo, procurei, de forma sintética, fazer uma pequena introdução ao tema da Paz Universal a partir do texto de Nelson Mandela, procurando fazer uma síntese dos conteúdos. Mesmo no pouco tempo, procurei puxar pelos alunos, solicitando a sua opinião, valorizando as respostas que foram dadas e lancei o desafio semanal de procurar, em situações de conflito,


colocar paz, pedindo, depois, que na aula seguinte, aleatoriamente, partilhassem como tinha sido a semana.

Alguns aspectos a melhorar que foram partilhados pelo professor cooperante e que tenho que corrigir: ter atenção ao pedir para ler textos quando ainda não conhecemos bem os alunos; ter pedido para ler o texto e depois não ter sido explorado; a importância do encadeamento da aula, isto é, todas as estratégias estarem ligadas; a importância de decorar os nomes dos alunos rapidamente, visto que ajuda a criar uma ligação e proximidade.

Contudo, apesar do pouco tempo de aula, globalmente, creio que foi uma aula positiva e como referi inicialmente, foi uma experiência frutífera lidar com o imprevisto. Creio que ao longo da nossa experiência como professores, surgirão situações semelhantes ou até mesmo quando os alunos nos questionam e nos fazem centrar toda a aula nessa questão, é importante o professor saber reorganizar a sua planificação, de modo a dar continuidade ao planeado.

Unidade Letiva: 4 do 7º Ano: «A Paz Universal»

Sumário: Razões para a ausência de Paz. Trabalho de Grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa	Aprendizagens Essenciais
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	2. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.	<ul style="list-style-type: none"> - A rutura das relações interpessoais e das relações entre Estados, povos, etnias, raças; - A violência: a ilusão de uma solução para os problemas; - A guerra: causas e consequências; - O terrorismo: causas e consequências; 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento - <i>Trabalho em Grupo acerca da Ausência de Paz.</i> - Desafio: Criar uma frase que sirva de lema para a semana. 	<p>45m 5 30</p>	<p>Organização do espaço por grupos</p> <p>Power Point</p>	<p>Atenção, empenho e participação no trabalho de grupo.</p>	<p>A. Linguagens e Textos</p> <p>B. Informação e comunicação</p> <p>C. Raciocínio e resolução de problemas</p>
			- Síntese da Aula	10	Portefólio	Criatividade	
					Quadro/Caneta		

Proposta de Síntese: Compreender que a ausência da paz nasce do egoísmo.

Nesta aula procurou-se trabalhar a meta “O”, amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Como objetivos, procurámos interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz. Ao nível dos conteúdos, foram trabalhados os seguintes: a rutura das relações interpessoais e das relações entre Estados, povos, etnias, raças; a violência como ilusão de uma solução para os problemas; a guerra, nas suas causas e consequências; e o terrorismo, nas suas causas e consequências.

Partindo das metas, objetivos e conteúdos, foram definidas estratégias que ajudassem os alunos a compreender a síntese da aula: compreender que a ausência de paz nasce do egoísmo. Para tal, optei por realizar com os alunos um trabalho de grupo, onde cada grupo tinha um exemplo de ausência de paz atribuído por mim, retirado do manual. A finalidade deste trabalho era desenvolver três pontos: quais as razões para a ausência de paz no texto que tinham; o que fariam para resolver essa situação; e por fim, criar uma frase que servisse de inspiração para a semana. No final, por grupos, fizeram uma partilha das suas respostas, concluindo depois com a síntese da aula. Do ponto de vista da avaliação formativa, tive presente a atenção, o empenho e participação no trabalho de grupo, bem como a criatividade nos lemas que apresentaram e a resolução do problema. Creio que neste aspeto, os alunos, nas propostas de resolução foram muito abstratos e pouco concretos, alguns até com soluções irrealistas, isto é, as soluções que eram feitas não mostravam sentido de compromisso, muitas delas revelavam até uma certa distância, ou seja, quase que deviam ser outros a tratar dos problemas do mundo.


De acordo com o plano de aula, creio que foi uma aula que foi globalmente positiva, contudo senti que precisava melhorar vários aspetos, começando desde já pela organização do tempo. Ao lançar o trabalho de grupo não fiz referência ao tempo que tinham para fazer, alertando apenas já no decorrer do trabalho. Depois, na constituição dos grupos, não conhecendo na plenitude os alunos, teria sido melhor recorrer à criação dos grupos

previamente com a ajuda do professor cooperante. Outro aspeto a salientar que considero fundamental melhorar, são as orientações do trabalho de grupo. Para que corra bem e se obtenha o que se pretende é importante que as orientações sejam simples e eficazes, ou seja, acho que falhei nas orientações: devia ter enumerado os pontos a realizar para os alunos compreenderem o pedido; as próprias frases deviam ter sido mais simples e não tão extensas, o que me obrigou depois a andar de grupo em grupo a explicar o que era pretendido. Estes aspetos foram salientados pelo professor cooperante que ainda acrescentou outros importantes para melhorar a minha prática: desenvolver uma dinâmica do silêncio, para que se possa trabalhar com serenidade e menos agitação; na parte da síntese da aula, puxar mais pelos alunos e não apenas centrar no professor; uma forma de se partilhar ideias de forma organizada é primeiro pedir aos alunos para retomar os lugares, permitindo melhores condições para a partilha.

Creio que esta aula foi para mim uma aprendizagem, na medida em que cada vez mais é importante centrar a aprendizagem nos alunos e deixá-los construir o seu próprio percurso. Senti que esta forma de lecionação puxou por mim, obrigando a reinventar constantemente e a ser criativo, de modo a rentabilizar ao máximo as capacidades dos alunos, tendo por base as metas, os objetivos e conteúdos a serem trabalhados. Ao mesmo tempo, sabendo que são alunos que não estão habituados a trabalhar em grupo, creio que foi importante desenvolver com eles a riqueza que é trabalhar em grupo, através de orientações que os permita desenvolver capacidades e conhecimento.

Unidade Letiva: 4 do 7º Ano: «A Paz Universal»

Sumário: O Direito à Paz: vídeo e debate.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m	Recursos	Avaliação Formativa	Aprendizagens Essenciais
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	<p>- A legítima defesa nos limites da necessidade e da proporcionalidade.</p> <p>- A proteção dos inocentes e dos mais vulneráveis.</p>	- Acolhimento	5	Computador Projetor	Atenção/Interesse	<p>B. Informação e comunicação</p> <p>C. Raciocínio e resolução de problemas</p> <p>F. Desenvolvimento pessoal e autonomia</p>
			- Visionamento de vídeo acerca dos Direitos Humanos.	5			
			- Reflexão Escrita no Portefólio.	15	Portefólio	Empenho Criatividade	
			- Partilha e Debate acerca dos Direitos.	15	Portefólio	Participação Iniciativa	
			- Síntese da Aula	5	Portefólio		

Proposta de Síntese: A Paz como compromisso de todos.

Nesta aula procurou-se trabalhar a meta “L”, estabelecer um diálogo entre cultura e a fé. Como objetivos, procurámos reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos. Ao nível dos conteúdos, foram trabalhados os seguintes: a legítima defesa nos limites da necessidade e da proporcionalidade e a proteção dos inocentes e dos mais vulneráveis.

Partindo das metas, objetivos e conteúdos, procurei conduzir os alunos à síntese da aula: a Paz como compromisso de todos. Para tal, comecei, inicialmente, de forma sintética, recuperar as ideias da aula anterior, procurando que os alunos fizessem uma ligação com os conteúdos que nesta aula seriam tratados, bem como compreenderem o encadeamento dos assuntos. Depois, utilizei um vídeo que abordava os Direitos Humanos. Previamente, antes de visionarem o vídeo, foram sugeridas três perguntas que servissem de orientação para a visualização: o que são direitos? Qual o direito mais importante para ti? E a criação de uma lista de direitos e deveres que sirvam para a criação de paz. As respostas deviam ser registadas no Portefólio, sendo depois partilhadas, criando uma espécie de debate. No final, fez-se a síntese da aula, onde os alunos procuraram compreender que a paz é um compromisso de todos e não de alguns.

Tendo em conta o plano de aula, creio que foi uma aula mais serena do que a anterior, visto que o trabalho solicitado era mais individual. Estava um ambiente de trabalho em que senti o empenho de todos, até mesmo dos alunos menos envolvidos. Creio que os objetivos foram atingidos, as metas foram cumpridas e as estratégias adequadas. Contudo, a questão da gestão do tempo continuou a ser importante melhorar, a forma como se orienta o trabalho permite ganhar tempo. Mesmo assim, sinto que já houve uma evolução para a primeira aula. O professor cooperante salientou alguns pontos importantes a melhorar: quando abordei o tema do direito à paz devia ter sido mais concreto, não falar de direitos de uma forma genérica; continuar a melhorar a gestão do tempo, de modo a que os alunos pudessem

partilhar e eu possa ter tempo para a síntese, visto que foi um momento importante para compreender se os alunos compreenderam o que foi trabalhado na aula.

Considerei que a cada aula que fui dando, estava cada vez mais à vontade com os alunos. Foi interessante observar que antes de começar a aula, alguns alunos já falavam conosco e conversavam. Perguntavam como estamos, partilhavam assuntos da sua vida pessoal. Creio que foi um bom sinal. Acho que a proximidade com os alunos é fundamental na aprendizagem. Não podemos ser professores que estão longe dos alunos e das suas realidades. Muitas vezes, estes momentos de conversa fora de aula foram importantes para os conhecermos, bem como a criação de uma relação. Quando oiço que a continuidade da EMRC em algumas escolas públicas depende muito do professor que lá está e a relação que tem com os alunos, senti realmente que a nossa função de professor vai muito além do ensino.


Salesianos de Manique – Escola
Planificação das Aulas – Nível 4

Plano de Aula – Aula 8

13 de novembro de 2018 – 7º C

Unidade Letiva: 4 do 7º Ano: «A Paz Universal»

Sumário: O Bem Comum: diálogo e partilha de ideias.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m 5	Recursos	Avaliação Formativa	Aprendizagens Essenciais
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	- Diálogo, Perdão e Reconciliação.	- Acolhimento	20	Manual Portefólio	Empenho	A. Linguagens e Textos B. Informação e comunicação C. Raciocínio e resolução de problemas F. Desenvolvimento pessoal e autonomia
			- Registrar as ideias mais importantes.	15		Atenção	
			- Diálogo e Partilha das ideias.	5	Participação Pertinência		
			- Síntese da Aula / Desafio: procurar nas dificuldades dialogar, perdoar e reconciliar.		Portefólio		

Proposta de Síntese: O Bem Comum implica Diálogo, Perdão e Reconciliação.

Nesta aula procurou-se trabalhar a meta “N”, promover o bem comum e o cuidado do outro. Como objetivos, procurámos reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa. Ao nível dos conteúdos, foram trabalhados os seguintes: o diálogo, o perdão e a reconciliação.

Partindo das metas, objetivos e conteúdos, foram definidas estratégias que ajudassem os alunos a compreender a síntese da aula: o bem comum implica diálogo, perdão e reconciliação. Para tal, defini como estratégia um trabalho mais individualizado, começando por solicitar aos alunos a leitura das páginas 138-140 do manual. Para orientar a leitura dos alunos, projetei duas afirmações retiradas do manual que servisse para os alunos compreenderem o que se pretende tratar no trabalho que ia pedir. Após a leitura, os alunos deveriam responder a três questões: o que é mais importante no diálogo, o que significa perdão e o que significa reconciliação. Depois de darem as respostas, seguiu-se um momento de partilha de ideias e debate, onde, de forma aleatória e voluntária, os alunos partilharam as respostas. Por fim, foi feita a síntese da aula e ao mesmo tempo foi lançado um desafio semanal onde os alunos deveriam colocar em prática o que aprenderam na aula, isto é, em situações de conflito promover o diálogo, o perdão e a reconciliação.


Tendo em conta o plano de aula estipulado, destaco como o mais positivo a participação e a iniciativa de dois alunos em querer partilhar as suas respostas, visto que raramente participam ou demonstram interesse pelo trabalho na aula. Creio que foi um momento significativo e importante começar a ver a mudança de atitude. Esse momento foi marcado por palavras de motivação e valorização para darem continuidade à atitude demonstrada.

Creio que a aula foi globalmente positiva. Foi uma aula muito participada por parte dos alunos, seja inicialmente, seja durante a partilha do trabalho realizado. Do ponto de vista da organização do tempo, foi a primeira em que consegui cumprir o que tinha proposto, dando tempo para cada etapa da aula. Contudo, saliento alguns aspetos a melhorar e que o professor

cooperante referiu: a ligação com a aula anterior ser feita pelos alunos e não apenas pelo professor, bem como a síntese da aula ser de igual forma. Para além destes aspetos, o professor cooperante lançou o desafio de “sair fora da caixa”, que estava na altura de arriscar algo novo, diferente. Concordo plenamente e senti que até esta aula, tinha estado a jogar pelo seguro, procurando, no fundo, fazer o que melhor domínio e que não me deixa desconfortável, isto é, as aulas foram muito na base do trabalho individual dos alunos ou por vezes em grupo, e depois a partilha de ideias. Considero importante arriscar mais e fazer algo diferente; aproveitar o momento do estágio para desenvolver materiais e outras formas pedagógicas de lecionação.

Unidade Letiva: 4 do 7º Ano: «A Paz Universal»

Sumário: Projeto “Instituições de promoção da paz”.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa	Aprendizagens Essenciais
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	- Instituições de promoção na paz do mundo.	- Acolhimento	45m	Power Point Portefólio Cartolina Imagens Textos	Atenção, empenho, participação. Registo das ideias do Projeto. Criatividade	A. Linguagens e Textos B. Informação e comunicação C. Raciocínio e resolução de problemas D. Pensamento Crítico e Pensamento Criativo E. Relacionamento interpessoal F. Desenvolvimento pessoal e autonomia I. Saber científico, técnico e tecnológico
			- Explicação do Projeto.	5			
			- Metodologia de Trabalho.	5			
			- Criação dos grupos e atribuição de instituições.	5			
			- Em grupo: distribuição de tarefas.	20			
- Síntese da Aula	5						

Proposta de Síntese: Reconhecer nas instituições exemplos de promoção da paz.

A planificação desta aula devia ter sido concretizada na semana anterior (20 de novembro). Contudo não houve aula devido ao Corta-Mato da Escola. Assim, procurámos acompanhar a turma neste evento, aproveitando, num momento mais descontraído, para conhecer os alunos e dialogar com eles. Foi uma experiência importante para conhecer os alunos no contexto fora da sala de aula, onde partilharam como tem sido o seu percurso escolar, ao nível das notas dos testes, os seus gostos pessoais e a sua forma de ver a escola, inclusivamente o gosto que têm pela disciplina de Educação Moral Religiosa Católica.

Como tal, o que planeei para a aula teve que ser trabalhado na aula seguinte. Nesta aula procurou-se trabalhar a meta “N”: promover o bem comum e o cuidado do outro. Como objetivos, procurámos reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa. Ao nível dos conteúdos, foram trabalhados os seguintes: o diálogo, o perdão e a reconciliação.


Partindo das metas, objetivos e conteúdos, foi proposto aos alunos um projeto, de acordo com os critérios de avaliação da disciplina, com o tema “Instituições de promoção da Paz”. Este projeto teve como finalidade os alunos reconhecerem nas instituições o trabalho fundamental e notável em favor da paz; de reconhecer que é possível trabalhar em favor paz nos gestos concretos do dia-a-dia; de trabalharem os conteúdos lecionados em aulas anterior, passando à parte prática dos mesmos. Neste sentido, foram criados grupos de trabalho, com a colaboração do professor cooperante, de modo a procederem à concretização do projeto. As instituições para cada grupo foram escolhidas de forma aleatória, partindo das que já constavam no manual: Tribunal Internacional dos Direitos do Homem, Comissão Nacional Justiça e Paz, Nobel da Paz, Amnistia Internacional, Organização das Nações Unidas, União Europeia e a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados). Para além da atribuição

das instituições, foram dadas tarefas para serem discutidas em grupo, de modo a agilizar o trabalho em grupo: seleção de conteúdos, materiais a utilizar, imagens a pesquisar, escrever os conteúdos na cartolina.

Tendo em conta o plano de aula e o que se pretendia, foi uma aula com imprevistos, com algumas interrupções que não deram estabilidade ao trabalho de projeto, desde os vários alunos que chegaram atrasados, aos alunos que participaram numa atividade no âmbito das Ciências. Contudo foi uma experiência importante, na medida em que é preciso estar sempre pronto para contornar e adaptar o estipulado. A vida como professor exige, claramente, capacidade de ginástica mental para reorganizar as atividades. Ainda assim, não deixou de ser uma aula positiva, em que os alunos colaboraram nas tarefas pedidas, apesar do pouco tempo. Senti empenho da parte de todos, mesmo até dos alunos que normalmente têm pouca vontade de trabalhar.

Unidade Letiva: 4 do 7º Ano: «A Paz Universal»

Sumário: Continuação do trabalho de projeto.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m 5	Recursos	Avaliação Formativa	Aprendizagens Essenciais
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	- Instituições de promoção na paz do mundo.	- Acolhimento - Continuação do trabalho de grupo: projeto. - Síntese da Aula	35 5	Power Point Materiais dos Alunos	Empenho Criatividade Colaboração Espírito de Grupo	A. Linguagens e Textos B. Informação e comunicação D. Pensamento Crítico e Pensamento Criativo F. Desenvolvimento pessoal e autonomia

Proposta de Síntese: Todos podemos contribuir ativamente para a Paz.

Nesta aula foi dada continuidade ao trabalho de projeto do primeiro período acerca das Instituições que promovem a Paz.

Continuando a trabalhar as metas e objetivos do programa, os alunos procuraram aprofundar o conhecimento acerca das Instituições, bem como aprender a trabalhar em grupo. Este aspeto tem sido salientado muitas vezes pelo professor cooperante, o fato de os alunos não saberem trabalhar em conjunto. Neste sentido, creio que o projeto foi uma oportunidade formativa de proporcionar aos alunos essa experiência. A divisão de tarefas, o partilhar de ideias, tomar decisões em grupo, saber ceder e não ser egoísta, todos terem um papel ativo no trabalho e não passivo, saber lidar com os ritmos diferentes dos colegas dentro de um grupo. Creio que estes aspetos foram importantes trabalhar com os alunos e prepará-los para o futuro, em que cada vez mais há a dificuldade das pessoas saberem trabalhar em conjunto. Podemos ver, também, como experiência de aprofundamento do sentido da Paz até no trabalho. Como tal, foi necessário um acompanhamento próximo dos alunos, incentivando, reforçando o que tinham de fazer, observando a postura e o empenho no trabalho.

Nos dias de hoje, existe a dificuldade de as pessoas saberem trabalhar em conjunto. Esta dificuldade está presente em diversas profissões. Os egoísmos, as invejas, a dificuldade de partilhar o saber, o querer ser superior aos outros para os humilhar, são tudo fontes de conflito, de ausência de paz. Neste sentido, proporcionar aos alunos trabalhos em grupo foi estimular nos mesmos o espírito de grupo, de troca de ideias, de saberem construir algo em conjunto. No fundo ajudá-los a construir pontes e a paz em situações concretas do quotidiano.

Unidade Letiva: 4 do 7º Ano: «A Paz Universal»

Sumário: Jogo bíblico acerca da paz. Autoavaliação do 1º Período.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa	Aprendizagens Essenciais
<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</p>	<p>5. Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos.</p> <p>6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>- A Lei de Talião, contra os abusos de poder: «Olho por olho, dente por dente»: Lv 24, 17-21;</p> <p>- A proposta de Jesus para a construção da paz:</p> <p>1. Amor aos inimigos Mt 5, 43-48;</p> <p>2. O perdão Mt 18, 21-22;</p> <p>3. O Sermão da Montanha Mt 5, 1-12.</p> <p>- Regra de ouro, transversal aos vários credos.</p> <p>- A construção da paz é um desejo e um imperativo ético para a humanidade.</p> <p>- Contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz.</p>	- Acolhimento	45m	<p>Projeto</p> <p>Power Point</p> <p>Cartão para respostas</p> <p>Ficha de Autoavaliação</p> <p>Portefólio</p>	<p>Atenção</p> <p>Empenho</p> <p>Entusiasmo</p> <p>Participação</p>	<p>A. Linguagens e Textos</p> <p>B. Informação e comunicação</p> <p>C. Raciocínio e resolução de problemas</p> <p>D. Pensamento Crítico e Pensamento Criativo</p> <p>E. Relacionamento interpessoal</p> <p>F. Desenvolvimento pessoal e autonomia</p> <p>I. Saber científico, técnico e tecnológico</p>
			- Vídeo acerca da União Europeia.	5			
			- Jogo Bíblico: perguntas e escolha múltipla.	20			
			- Autoavaliação 1º Período	10			
			- Síntese da aula	5			

Proposta de Síntese: “Para fazer a Paz é preciso coragem, muito mais do que para fazer a guerra. Que o estilo da nossa vida se torne Shalom, Paz, Salam!”, *Papa Francisco*.

Nesta aula trabalhei as metas “E” e “D”, identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; e promover o diálogo inter-religioso com suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos, respetivamente. Como objetivos, aprofundei a identificação da paz como elemento essencial da identidade cristã a partir dos textos bíblicos e a identificação do papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano. Ao nível dos conteúdos, foram trabalhados os seguintes: a Lei de Talião, contra os abusos de poder: «Olho por olho, dente por dente»: Lv 24, 17-21; a proposta de Jesus para a construção da paz a partir dos textos acerca do amor aos inimigos (Mt 5, 43-48), o perdão (Mt 18, 21-22) e o sermão da montanha (Mt 5, 1-12); a regra de ouro, transversal aos vários credos, a construção da paz como um desejo e um imperativo ético para a humanidade e, por último, os contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz.

Partindo das metas e objetivos a trabalhar com os alunos e sendo a última aula, procurei criar equipas para a realização de um jogo bíblico onde a participação e o entusiasmo foram notórios e creio que foi uma excelente forma de desconstruir os conteúdos. Através de um conjunto de questões de escolha múltipla, os alunos, por equipas e com um papel para apontar as respostas, procuraram compreender os conteúdos selecionados por mim. Foi uma oportunidade também de colocar a minha colega do par pedagógico, a Júlia Araújo, a ler os textos bíblicos que eram necessários de forma a introduzir as perguntas. Ao mesmo tempo, creio que também foi uma oportunidade de fazer a transição para a Unidade Letiva seguinte que foi dada pela Júlia Araújo.

Deste jogo, evidencio como aspetos importantes a participação dos alunos, o reconhecimento dos alunos das perguntas mais fáceis e as mais complexas, bem como o cumprimento do tempo previsto no plano de aula. Contudo, e destacado pelo professor

cooperante na sua avaliação, houve um aspeto que podia ter sido diferente que era a recolha das respostas das equipas e usar como mais um elemento de avaliação, sobretudo para os alunos que estavam com algumas dificuldades em chegar ao nível três no primeiro período de aulas. Globalmente, foi uma aula em que as metas e os objetivos foram cumpridos, onde os alunos trabalharam a componente bíblica de forma mais lúdica.

1.3 PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 4

A avaliação é um elemento importante para aferir os conhecimentos dos alunos e faz parte do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, avaliação deve ser vista como um elemento que permite ao aluno melhorar o que é necessário de modo a atingir o sucesso e não como um elemento penalizador que traça o destino do aluno.

Neste sentido, e tendo presente o trabalho desenvolvido pelo professor cooperante, a avaliação da Unidade Letiva 4 foi construída, em primeiro lugar, através do Portefólio, onde os alunos fazem o registo dos sumários, dos trabalhos realizados em aula, onde surge elementos que os identificam e as sínteses de cada aula. Assim, também foi pedido aos alunos que personalizassem o Portefólio, utilizando toda a sua criatividade e empenho, sendo também um elemento a ter em conta na avaliação.

A utilização do Portefólio por parte dos alunos, como elemento de avaliação, foi importante, em primeiro lugar, como forma de acompanhar o trabalho desenvolvido pelos mesmos; em segundo lugar, porque permite aos alunos ficarem com um conjunto de informação disponível para aprofundar; e em terceiro lugar, porque é uma forma de avaliação que permite realmente observar melhor o trabalho realizado ao longo do ano, do que na realização de um teste avaliação, em que o fator nervosismo, por vezes, impede uma concretização com maior qualidade.

Para além do Portefólio, todos os trabalhos de aula, em grupo ou individuais, bem como os pequenos projetos, foram objeto de avaliação, procurando sempre o sucesso de todos os alunos. Assim, os alunos com maior dificuldade ou com ritmo de trabalho mais lento ou inexistente, nunca deixaram de merecer a atenção do professor, de modo a que também esses pudessem fazer parte do sucesso com os restantes colegas. Uma medida considerada pedagógica e que vem na linha do que se quer com a escola inclusiva proposta pelo Ministério da Educação.

Outro elemento de avaliação que esteve sempre presente ao longo da lecionação desta Unidade Letiva 4 foi as intervenções pertinentes dos alunos, o seu empenho, o esforço por superar as dificuldades, o interesse em aprender e ir além do pedido, a espontaneidade dos alunos, o seu entusiasmo. Considero indispensável e fundamental considerar estes elementos na avaliação, evitando, assim, que a mesma fique simplesmente centrada em trabalhos ou projetos, ou até mesmo num suposto teste de avaliação.

A proposta apresentada para a avaliação considera a existência de uma percentagem para o teste sumativo, mas uma vez que esse elemento não se realizou, a percentagem do mesmo reverteu para o trabalho projeto.

Os resultados obtidos por parte dos alunos, de acordo com a proposta de avaliação que foi apresentada, foi bastante positiva, na medida em que os todos os alunos mostraram sentido de compromisso e envolvimento nas tarefas pedidas. Mesmos os alunos com mais dificuldades e com menos envolvimento no trabalho da turma, conseguiram atingir resultados substancialmente positivos. Neste sentido, o trabalho realizado em Portefólio, bem como trabalho de projeto, foram elementos importantes para o sucesso obtido³⁶.

³⁶ Cf. O processo de avaliação dos alunos e os resultados obtidos encontram-se no Portefólio que está anexado ao Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada.

1.4 REFLEXÃO GLOBAL SOBRE A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 4

A Unidade Letiva 4, a Paz Universal, do 7º Ano, foi, sem dúvida, uma experiência de aprendizagem enriquecedora enquanto docente, mas também como ser humano. Cresci e aprendi muito com as intervenções dos alunos.

Em primeiro lugar porque ao refletir sobre a Paz Universal a tentação que surge é de uma redução da Paz a ausência de guerra que tantas vezes surgem nos discursos de várias pessoas, quando na verdade a experiência da lecionação mostra com clareza e objetividade que a Paz Universal é mais que a ausência de guerra, mas sim um compromisso que cada um assume na construção de um mundo mais pacífico e agradável. Sublinho o agradável por considerar que nos tempos que correm é importante estimular a amabilidade entre os seres humanos, que façam da Paz e da concórdia o seu primeiro pensamento, em vez da discussão e da guerra. Num mundo marcado pela falta de compreensão pela diferença de ideias, de modos de estar na vida, onde se procura mais o que separa para poder ferir o outro, é urgente tratar com os alunos a Paz e como docente e apreciador mais da prática do que grandes discursos teóricos, senti a necessidade de fazer das minhas aulas oportunidades para os alunos marcarem a diferença nas pequenas situações do quotidiano, porque é aí que construímos a Paz. É no respeito pela dignidade da vida humana, pelos direitos da pessoa, pela abertura ao diferente, pelas diferentes convicções religiosas que se constrói a Paz.

Os objetivos e metas, bem como os conteúdos, favorecem de forma clara e objetiva a construção de um sentido profundo e enriquecedor para a noção de Paz Universal. Contudo, não deixa de ser pertinente considerar, em jeito de proposta, a alteração da ordem das Unidades Letivas, visto que no Núcleo da PES decidimos fazê-lo, de modo a conciliar os acontecimentos do calendário civil e nesse sentido

começamos o percurso com a Unidade Letiva 4, a Paz Universal. A conclusão dessa unidade coincidiu com o dia dos Direitos Humanos, tema que é desenvolvido na UL 4. Em grupo, consideramos importante começar pela dimensão universal e depois aprofundar os temas mais concretos que certamente só podem fazer sentido se existir um verdadeiro sentido universal de Paz.

Assim, importa aprofundar a questão da Paz e compreender o seu sentido mais profundo, numa época da história marcada por conflitos, guerras, egoísmos, visões fundamentalistas e fechadas sobre determinados assuntos, a falta de respeito pela opinião do outro, a crise ecológica, familiar, económica. Neste sentido, é fundamental uma reflexão séria e sistemática acerca da Paz, começando, em primeiro lugar, por apresentar uma noção geral, visto que a Paz é um valor que é universal e que ultrapassa qualquer perspetiva religiosa ou não-religiosa. Como também devemos ter em conta que a Paz é muito mais que a simples ausência de guerra “nem se reduz ao estabelecimento do equilíbrio entre forças adversas, nem resulta duma dominação despótica”³⁷.

Num segundo momento, importa destacar algumas etapas fundamentais da história acerca da Paz, procurando construir um percurso cronológico que permita sinalizar momentos em que existiram um verdadeiro esforço de construir a Paz e que a própria Unidade Letiva acerca da Paz Universal destaca como acontecimentos históricos.

Não menos importante, é a visão cristã da Paz e o seu contributo, destacando alguns documentos do Magistério da Igreja, bem como uma breve noção bíblica da Paz que tem o seu início e fim em Deus, na medida em que “antes de ser um dom de Deus

³⁷ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, 78.

ao homem e um projeto humano conforme o desígnio divino, a paz é, antes de tudo, um atributo especial essencial de Deus”³⁸.

Num último momento, apresentarei o contributo da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica para a Paz. Para tal, recorrerei ao Programa de 2014, bem como aos conteúdos tratados na Unidade Letiva 4 do 7º Ano, a Paz Universal, destacando o papel importante que tem a disciplina na construção de seres humanos capazes de promover a Paz.

³⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO DA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da doutrina social da Igreja*. Principia, S. João Estoril 2005, nº 488, p. 309.

2. A PAZ

Como fiz referência anteriormente, e partindo da experiência da prática letiva, mas também do contexto atual em que vivemos, considero fundamental uma reflexão acerca do tema da Paz.

Na atualidade, continuamos a assistir, em muitos cantos do mundo, a situações de constante conflito, divisões, desigualdades, discriminações, desrespeito pela opinião contrária. Está completamente colocada de parte a ideia que a Paz é apenas a ausência de guerra. As “guerras” que encontramos a nível familiar, político, social, ambiental, fazem-nos refletir a importância de contribuirmos para Paz, de compreender que o mesmo vai muito além de qualquer ideologia, perspectiva religiosa, qualquer convicção política ou fundamentalismo. É urgente, sobretudo, na escola refletir com os alunos o verdadeiro sentido da Paz, ajudá-los a compreender que a construção da mesma começa na experiência do quotidiano, começa em primeiro lugar na família que é primeiro veículo onde os valores são ensinados. E mesmo aí, observamos uma grande carência, onde a escola surge muitas vezes como o primeiro espaço na transmissão dos valores. A Paz é um valor universal insubstituível e que exige o compromisso de todos.

Importa, por isso, de forma mais aprofundada, refletir acerca da importância da Paz; compreender o seu sentido mais profundo; olhar algumas etapas da história em que houve um esforço significativo e decisivo para construir a Paz; perceber o contributo cristão para a Paz; mas também salientar o papel fundamental que a disciplina de Educação Moral Religiosa Católica assume no papel de formação de seres humanos capazes de viver no quotidiano os valores da Paz.

Assim, começo por apresentar uma noção geral de Paz. Esta assume-se como um conceito abrangente, e como tal, tentaremos defini-la para além da simples definição de ausência de guerra, apesar de ser um ponto de partida importante:

“O fim da guerra significa o princípio da paz. Fazer tréguas numa situação de guerra é o primeiro passo para se iniciar o diálogo, ter possibilidade de trabalhar para a paz, para o desenvolvimento”³⁹.

Contudo, e sendo esse o objetivo da reflexão que se segue acerca da Paz, irei apresentar um possível caminho que demonstre que “a paz está muito para além dessa ausência de guerra”⁴⁰.

2.1 NOÇÃO GERAL DE PAZ

A palavra Paz tem origem na palavra latina *pax, pacis* e que contém em si diversos significados⁴¹, desde quietação de ânimo, sossego, tranquilidade, como ausência de guerra, boa harmonia, concórdia, reconciliação, paciência. No fundo, estamos a falar de uma palavra que tem uma grande abrangência e como tal, não podemos definir a Paz única e exclusivamente como ausência de guerra. Por vezes o egoísmo das pessoas e das nações “põe constantemente em perigo a paz e a segurança individual e coletiva”⁴². Apesar da sua amplitude de significado, não deixa de ser um conceito extremamente rico⁴³.

Ao longo da história a causa da Paz tem sido sempre questionada e o pacifismo tido como sinal de fraqueza. Kant foi quem mais se aproximou de elaborar uma filosofia compreensiva da Paz, afirmando que esta “é alguma coisa que deve ser instaurada, pois abster-se de romper as hostilidades não basta para assegurar a paz”⁴⁴. No entanto, os movimentos pacifistas surgiram apenas no século XX, sobretudo nos Estados Unidos da América como movimentos anti-imperialistas. Foi nos anos 80, do século XX, que os

³⁹ M. L. FRANÇA, T. PEREIRA, “A educação para a paz”, *Communio* 2 (1989) 156.

⁴⁰ *Ibidem*, 156.

⁴¹ Cf. PRIBERAM, “gramática”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2019, <https://dicionario.priberam.org/gramatica> [consultado em 2019-03-26].

⁴² F. FERREIRA, “A Paz: problema fundamental da ética moderna”, *Communio* 6 (1985) 529.

⁴³ Cf. J. MCKENZIE, *Dictionary of the Bible*, Geoffrey Chapman, London-Dublin, 1966, 651.

⁴⁴ I. KANT, *A Paz Perpétua*, Livraria Educação Nacional, Porto, 1941, 21.

movimentos de desarmamento ganharam força. David Cortright salienta que têm sido descobertas relações entre igualdade de gênero e o decréscimo da violência. Nos últimos tempos, a ideia de que a guerra não pode ganhar ao terrorismo ganhou significado.

A natureza da guerra alterou-se dramaticamente nas últimas décadas. Após a segunda guerra mundial não houve mais guerras em larga escala entre os países mais industrializados, seja pela ferocidade das armas modernas, seja pela prosperidade desses mesmos países. No entanto, guerras internas têm aumentado muito. Segundo David Cortright, em 2005, eram trinta e um conflitos por razões religiosas, étnicas, geográficas e até linguísticas⁴⁵. Se a violência destes conflitos não se esbateu, muito pelo contrário, o número de mortos por seu lado também tem sido muito grande, sendo 80% mortes de civis. O número de desalojados e refugiados aumentam tremendamente, não como um efeito secundário, mas como o cerne metodológico das novas guerras.

As estratégias contemporâneas de implementação, mediação e negociação da Paz, correspondem sobretudo à antiga tradição e aos princípios do primeiro período histórico. A definição do termo Paz é extramente emocional e largamente utilizado como propaganda política. Quando a Paz é definida estritamente, está implícita uma certa passividade e aceitação da injustiça⁴⁶. A Paz é mais do que a ausência de guerra, é também a manutenção de uma sociedade ordeira e justa. Ordeira ao ser protegida da violência, da extorsão de agressores e da exploração e abuso dos mais poderosos. Segundo David Cortright, muitos autores fazem distinção entre paz positiva e paz negativa, sendo a negativa apenas ausência de guerra e a positiva a presença da justiça⁴⁷.

⁴⁵ Cf. D. CORTRIGHT, *Peace: A History of Moments and Ideas*, Cambridge University Press, Cambridge, 2008, 5.

⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 6.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 7 – “Peace can be slavery or it can be freedom; subjugation or liberation”.

Mahatma Gandhi (1869-1948) falou sobretudo de não violência ao invés de Paz. A Paz, por seu lado, não significa ausência de conflito. Este é intrínseco às relações humanas, embora não tenha de ser violento. O desafio para os “praticantes” da Paz é encontrarem formas através das quais as comunidades consigam resolver as suas diferenças sem o uso da força.

No início do século XX, o termo pacifismo entrou no nosso léxico como descrevendo o que se opõe à guerra, mas o termo carece de desconstrução. Depois da primeira guerra mundial, o termo tornou-se sinónimo de uma perspectiva mais religiosa. Esta posição mais purista era distante de uma posição mais pragmática do pacifismo que aceitava a autodefesa e a proteção dos mais vulneráveis. O termo pacifista surge a partir do *10th Universal Peace Congress in Glasgow*⁴⁸ e a partir daí internacionalizou-se como um termo distinto de alguns setores religiosos, referindo-se a quem trabalhava pela ação social ou a quem trabalhava pela Paz. No entanto, o pacifismo como movimento ou conjunto de ideias foi forjado muito antes de 1901, já no século V, Santo Agostinho (354-430) – diferenciava pacifismo absoluto dos princípios de guerra justa⁴⁹, sendo aceites pelo cristianismo.

Com o rebentar da primeira guerra, em 1914, os movimentos pacifistas fraturaram-se e colapsaram e só no pós-guerra recomeça o debate sobre o tema pacifismo. A ameaça fascista volta a marginalizar o pacifismo, até Albert Einstein (1879-1955) tenta redefinir o pacifismo de forma a que incluía uma ação militar conjunta de resistência a Hitler. Caiu, no entanto, em desuso o termo pacifista, embora valioso tornou-se estranho e confuso.

⁴⁸ Cf. *Ibidem*, 8.

⁴⁹ Cf. J. MATTOX, *St. Augustine and the Theory of Just War*, Continuum Studies in Philosophy, New York, 2006, 196.

Tanto em África como na América Latina ou até na Ásia, o conceito de Paz está intrinsecamente ligado à justiça económica e social, de tal modo, os líderes africanos argumentam que a Paz é impossível sem que haja desenvolvimento económico e liberdade política – isto perante um continente ferido pelo legado colonialista.

A grande maioria dos pacifistas aceita o uso limitado da força para autoproteção ou para manter a justiça e proteger os inocentes. É um grupo minoritário aquele que é absoluta e totalmente pacifista.

Convém distinguir guerra do uso da força policial, que é eticamente superior à guerra pois está sujeita a constrangimentos legais e morais. Estas distinções importam, pois, muitos pacifistas aceitariam, por exemplo, operações multilaterais de proteção a populações civis em detrimento de agressões militares unilaterais⁵⁰. O uso da força militar não é meramente uma extensão política, é um ato moral de suprema importância que deve ser julgado de acordo com os mais rigorosos padrões morais. O critério moral clássico de qualificar uma guerra como justa, assenta na presunção de uma oposição ao uso da força. A aplicação rigorosa e sistemática dos princípios de uma guerra justa: causa justa, autoridade certa, último recurso, possibilidade de sucesso, proporcionalidade e discriminação, fariam com que a guerra fosse extramente rara.

A influência inspiradora de Gandhi estendeu-se a Martin Luther King (1929-1968) e aos movimentos que um pouco por todo o mundo defendem os direitos civis. O apoio dos Direitos Humanos tornou-se um elemento essencial na estratégia de implementação da Paz, bem como a própria consolidação da democracia e os seus conceitos teóricos, o feminismo e o socialismo. Hoje, importa sublinhar a ascensão de movimentos antiguerra, da importância da cultura de desarmamento e o atual desafio de contra-atacar o terrorismo e a proliferação de armamento nuclear.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 15.

Como já fiz referência, a Paz é um valor universal e que deve estar presente em todas as áreas do saber, de modo especial na educação que é um dos veículos de transmissão dos valores por excelência. Cada vez mais na educação familiar, mas também na escola, é importante uma educação para a Paz:

“O primeiro passo para a paz começa no indivíduo, na pessoa humana e reclama dela a superação do seu egoísmo e a sua total capitulação frente ao bem. Uma capitulação da inteligência e da vontade ao mesmo tempo. O bem, ou os imperativos morais do bem, exigem da pessoa uma rendição absoluta, isto é, uma renúncia total ao egoísmo. Qualquer restrição neste ponto gera, imediatamente, um mal-estar individual e social que constitui um estorvo para a paz, podendo até levar à guerra de facto”⁵¹.

Deste modo, é fundamental uma educação para a Paz, contudo, para que tal aconteça, é urgente formar homens e mulheres que entendam o seu significado e o compromisso que exige, para que a vivência da Paz não caia na esfera particular, onde cada um se preocupa apenas consigo próprio e com aqueles que são mais próximos:

“Toda a educação deveria ser uma educação para a Paz. Uma educação que nos permita aprender desde crianças a lidar com os conflitos e as lutas, a crescer no saber enfrentar os problemas e a ultrapassá-los de forma pacífica. Toda a nossa vida é esta aprendizagem. A educação para a Paz é um processo que acompanha toda a vida desde o seu início. Tornamo-nos adultos quando sabemos estabelecer uma relação estreita com o mundo, uma relação harmoniosa aberta ao futuro”⁵².

O compromisso pela Paz exige uma atitude comprometida de todos, e como tal, é preciso que esse compromisso comece em primeiro lugar na família que é primeiro espaço onde os valores são ensinados e transmitidos; em segundo lugar a escola, local privilegiado para aprofundar e desenvolver a formação dos alunos, dando-lhe ferramentas para uma correta integração na sociedade; e um terceiro lugar a sociedade, espaço onde cada um, em comunidade, procura construir a Paz na relação com os outros e no trabalho. Ao conseguirmos fazê-lo, estamos sem dúvida a construir a Paz. Muitas

⁵¹ *Ibidem*, 529.

⁵² M. L. FRANÇA, T. PEREIRA, “A educação para a paz”, 156.

vezes as guerras têm origem na ausência total de valores fundamentais e até mesmo princípios básicos de convivência.

Contudo, a Paz não se esgota na dimensão prática ou no seu aspeto exterior, a mesma também pode ser abordada e entendida também na dimensão interior, isto é, a partir de dentro de cada ser humano. A Paz pode ser reflexo de uma interioridade amadurecida, de uma vida equilibrada, mas também de uma preocupação pelo próximo. Como refere o Papa Francisco “a paz interior das pessoas tem a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, reflete-se num equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida”⁵³.

No fundo, verificamos que é uma preocupação compreender o seu sentido, mas acima de tudo compreender a forma como pode ser concretizada no quotidiano. Deste modo, importa evidenciar, em primeiro lugar, o contributo cristão para a visão da Paz.

2.2 A VISÃO CRISTÃ DA PAZ

Acerca da visão cristã da Paz, importa salientar o contributo do cristianismo, tendo como referência um breve apontamento bíblico, mas também alguns documentos selecionados do Magistério da Igreja.

Assim, começo por apresentar a visão cristã da Paz a partir da perspetiva bíblica. Esta será fundamentada tendo como base a perspetiva do Antigo e do Novo Testamento. Ambas apresentam uma noção da Paz diferente, mas complementar.

No Antigo Testamento, a Paz surge como um atributo especial essencial de Deus, isto é, antes de ser um dom de Deus dado ao homem e à mulher, é, em primeiro lugar, uma qualidade de Deus. Deus é Paz como refere o Livro dos Juízes 6, 24

⁵³ FRANCISCO, *Louvado sejas (Laudato Si)*, Paulus, Lisboa, 2015, 225.

“Gedeão erigiu ali um altar ao Senhor e chamou-lhe: «O Senhor é paz.» Até ao dia de hoje, este altar ainda está em Ofra de Abiézer”. Depois de ser um atributo de Deus, a Paz é vista como um dom dado pelo mesmo, começando na própria criação, reflexo da sua bondade, e depois concedida ao homem e mulher, para estes dêem continuidade a toda a harmonia criada por Deus. Assim, a Paz, do ponto de vista bíblico, funda-se “na relação primária entre cada ser humano e o próprio Deus”⁵⁴. É desta relação que brota o verdadeiro equilíbrio das relações, é na ligação entre Deus e o ser humano que tudo permanece em harmonia, em perfeita bondade. O que verificamos no Antigo Testamento são situações onde acontece esta quebra de relação que dá origem a conflitos, a egoísmos, ao derramamento de sangue, à divisão. No fundo, acontece situações de ausência de Paz. Se atendermos à forma como Deus se revela, verificamos que “a paz é muito mais do que a simples ausência de guerra: ela representa a plenitude da vida”⁵⁵. Ora, para obter a plenitude da vida, segundo o Antigo Testamento, é necessário o cumprimento da vontade de Deus, da concretização do projeto que Deus tem para cada homem e mulher. Assim, a Paz surge como “efeito da bênção de Deus sobre o povo”⁵⁶. Sendo uma bênção de Deus para todo o povo, importa salientar um aspeto importante que se refere à dimensão social da Paz, isto é, o dom da Paz não é um dom meramente individual que cada um recebe, é um dom que implica, também, ser partilhado e vivido no seio da comunidade. A Paz que Deus quer conceder ao seu povo implica um caminho em conjunto, de andar pelas suas veredas (Isaías 2, 2-5). Não menos importante, a Paz surge, no Antigo Testamento, como modelo de governação⁵⁷, isto é, todo o rei que governa segundo a justiça de Deus, com retidão, com verdade, está

⁵⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO DA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da doutrina social da Igreja: A Promoção da Paz*, 488, p. 309.

⁵⁵ *Ibidem*, 489.

⁵⁶ *Ibidem*, 489.

⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 490.

a promover a verdadeira Paz entre os homens e mulheres; surge também como um caminho para a felicidade:

“O conceito de *shalôm*, na tradição de Israel, ultrapassa a nossa ideia de paz, entendida, de modo restritivo, no seu relacionamento com a guerra. A paz representa o conjunto dos bens que podem rodear uma pessoa ou uma sociedade, para que seja feliz e tenha sucesso”⁵⁸.

Se observarmos com maior profundidade os textos do Antigo Testamento, verificamos que o conceito de Paz varia conforme o contexto em que é aplicado, isto é, se for aplicado a situações concretas do quotidiano, “pode adquirir o sentido de bem-estar, felicidade e recompensa”⁵⁹, se for num contexto de saudação a uma pessoa, exprime o sentido de desejar tudo de bom a alguém⁶⁰. Caso seja utilizado em contexto de oposição ao estado de guerra, a Paz caracteriza-se pela entrega, a submissão, ser tributário⁶¹. No contexto dos profetas pré-exílicos, a Paz assume-se como o restabelecimento da ordem em nome de Deus. Em relação às profecias messiânicas, o conceito de Paz evidencia, não apenas a estabilidade do povo de Israel, mas acima de tudo a sua relação com Deus. E como tal, existe uma profunda noção de que todas as ações e comportamentos têm influência na vivência da Paz⁶². No contexto pós-exílio, deparamo-nos com o conceito de Paz ligado à espiritualidade: “o anúncio desta paz, que Deus realiza e que consiste na comunhão com Deus, é uma boa-nova”⁶³. Como podemos observar, no Antigo Testamento, o conceito de Paz assume diversos significados, contudo, não deixa de ser importante referir que apesar da variedade, continua a ser um dom Deus. No manual da disciplina de EMRC, do 7º Ano, ao abordar o tema da Paz, existe um tema dedicado à mensagem bíblica onde surge a palavra

⁵⁸ J. CARVALHO, “A utopia da paz na Bíblia”, *Cadernos do Instituto S. Tomás de Aquino* 9 (2000) 82.

⁵⁹ M. ALVES, “Dou-vos a minha paz (Jo 14, 27)”, *Communio* 6 (1985) 499-505.

⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 500.

⁶¹ Cf. *Ibidem*, 501.

⁶² Cf. *Ibidem*.

⁶³ *Ibidem*, 502.

“Shalom”, conceito este, como fiz referência anteriormente, atravessa todo o Antigo Testamento.

No Novo Testamento não encontramos “uma doutrina desenvolvida sobre a paz, como a entendemos hoje, no sentido de solução pacífica dos problemas”⁶⁴, mas podemos dizer que em parte “reflete o anúncio profético de uma era escatológica de paz, e por outro especifica em Cristo a natureza do dom concedido por Deus ao homem”⁶⁵. Ao contrário do que acontece no Antigo Testamento, encontramos uma perspectiva da Paz diferente no Novo Testamento, centrada sobretudo na dimensão salvífica operada por Jesus Cristo, e que é transversal a todos os autores, desde os Evangelistas ao Apocalipse.

Todas as promessas de Paz iniciadas no Antigo Testamento têm o seu cumprimento em plenitude em Jesus. Este é o verdadeiro homem da Paz, o Príncipe da Paz, que vem acabar com “o muro divisório da inimizade entre os homens”⁶⁶, que vem completar a lei, que vem dar um outro olhar à forma de ver vida. No fundo, toda a atuação de Jesus é marcada pela tentativa constante de trazer a Paz à vida das pessoas⁶⁷, sobretudo àqueles que estão mais afastados, rejeitados, colocados na periferia. A Paz de Jesus é dinâmica. Aqueles que são tocados por Ele claramente a sua vida tem um rumo diferente⁶⁸. Neste sentido, podemos afirmar que a Paz é também reconciliação. Jesus quer que a humanidade se reconcilie com o Pai, e como tal, todos aqueles que se cruzam com Jesus são desafiados a reconhecer os erros e a reconciliarem-se, no fundo a orientar a sua vida pelo caminho que traz a verdadeira Paz. Nas cartas de São Paulo,

⁶⁴ J. CARVALHO, “A utopia da paz na Bíblia”, 83.

⁶⁵ M. ALVES, “Dou-vos a minha paz (Jo 14, 27)”, 505.

⁶⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO DA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da doutrina social da Igreja*, 491, p. 310.

⁶⁷ J. CARVALHO, “A utopia da paz na Bíblia”, 84.

⁶⁸ Cf. F. FERREIRA, “A Paz: problema fundamental da ética moderna”, 536.

concretamente aos Romanos, encontramos reforçada a dimensão reconciliadora como própria da vida cristã:

“A paz com Deus é o resultado da reconciliação e, como tal, é dom de Deus e situação do crente: «Justificados pela fé, temos a paz com Deus mediante Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem temos também o acesso a esta graça na qual nos encontramos» (Rm 5, 1-2) ”⁶⁹.

Esta perspectiva da Paz reconciliadora e dinâmica também é referida no tema da promoção do bem comum, ao trabalhar a Paz Universal do 7º Ano. É pertinente referir que a construção do bem comum assenta em três palavras chave: o diálogo, perdão e reconciliação. Curiosamente três palavras que Jesus apresenta como caminhos para a reconciliação. Se atendermos aos textos bíblicos utilizados pelo manual, encontramos claramente referência à importância do amor aos inimigos (Mt 5, 43-48) e ao saber perdoar (Mt 18, 21-22), como exemplos a seguir e a concretizar na vida quotidiana. Ao longo da PES, de modo a trabalhar as Instituições de Promoção da Paz, foi importante ajudar os alunos a compreender a importância destes três conceitos. Nos tempos de hoje, marcado por divisões e conflitos, é urgente formar alunos capazes de perdoar, de dialogar com a diferença e de dar a oportunidade de começar de novo.

O contributo bíblico aqui apresentado é claramente usado pelos documentos do Magistério da Igreja ao longo dos tempos na sua abordagem à Paz, mas também o programa da disciplina de EMRC, na Unidade Letiva dedicada a Paz Universal, do 7º Ano, apresenta uma meta e objetivo dedicado à exploração dos textos bíblicos e o seu contributo fundamental para uma visão cristã da Paz. (Meta “E” – Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; Objetivos – Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos). Assim, importa destacar o

⁶⁹ M. ALVES, “Dou-vos a minha paz (Jo 14, 27)”, 503.

contributo precioso do Magistério da Igreja, para compreendermos melhor o que ela nos diz acerca da Paz.

De acordo com o Magistério da Igreja destaco, de forma muito breve, alguns documentos significativos que apontam para uma tentativa de construir a Paz, indo além da ausência de guerra e apontando caminhos possíveis. Associados aos documentos, é inevitável referir também os Papas que redigiram os mesmos. Cronologicamente selecionei o Papa São João XXIII (1958-1963) *Pacem in Terris* 1963, o Papa São Paulo VI (1963-1978) *Popolorum Progressio* 1967, o Papa São João Paulo II (1978-2005) *Sollicitudo Rei Socialis* 1987, o Papa Emérito Bento XVI (2005-2013) destaco a homilia proferida na Basílica de São Francisco de Assis, aquando da visita a Assis, em 2007, e o Papa Francisco que nos últimos tempos tem alertado para uma Terceira Guerra Mundial que se está a “desenvolver aos pedaços”.

Relativamente ao Papa São João XXIII (1881-1963), importa salientar o seu contributo para uma visão cristã da Paz. Esta, segundo o Papa, é resultado de uma participação ativa e comprometida pelo bem comum, através do cumprimento dos direitos e deveres, mas também da reta relação com as entidades públicas. Do ponto de vista pastoral, sugere uma harmonia entre a vida pessoal e profissional⁷⁰, marcada pelo rigor e empenho.

Em relação ao Papa São Paulo VI, importa destacar a criação do Pontifício Conselho Justiça e Paz, a 6 de janeiro de 1967. Este organismo tem como principal missão promover a defesa dos direitos humanos, chamar a atenção para as injustiças que são cometidas, sensibilizar as noções para a promoção da Paz. Importa aqui referir que todas as suas ações têm como ponto de partida o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja. Ambas estão presentes nas mensagens que são dirigidas, especialmente, aos mais

⁷⁰ Cf. JOÃO XXIII, *Pacem in Terris*, 147.

frágeis e vulneráveis, àqueles que por vezes vão contra os direitos humanos, ou que não condições de uma vida digna às pessoas, ou que são explorados e usados como escravos. O Pontifício Conselho Justiça e Paz procura alertar e evidenciar tudo o que seja feito contra a Paz e apresentar caminhos possíveis para a recuperação da mesma. Dois meses depois da sua criação, a 26 de março de 1967, é publicada a encíclica *Populorum Progressio*. Um documento complementar ao trabalho desenvolvido no âmbito da Justiça e Paz; aborda a questão do desenvolvimento dos povos, sublinhando um mundo em constante transformação e modernização, e destaca que é urgente evitar as desigualdades sociais:

“Dito e reconhecido isto, não resta dúvida alguma de que o equipamento existente está longe de bastar para se opor à dura realidade da economia moderna. Entregue a si mesmo, o seu mecanismo arrasta o mundo, mais para a agravação do que para a atenuação da disparidade dos níveis de vida: os povos ricos gozam de um crescimento rápido, enquanto os pobres se desenvolvem lentamente. O desequilíbrio aumenta: alguns produzem em excesso gêneros alimentícios, que faltam cruelmente a outros, vendo estes últimos tornarem-se incertas as suas exportações”⁷¹.

Não podemos deixar de reconhecer a importância do Papa São Paulo VI para a construção da Paz. É com ele que surge a primeira mensagem para o Dia Mundial da Paz em 1968. Daí até aos nossos dias verificamos o trabalho contínuo que vem a ser feito pelos pontificados seguintes. Curiosamente, as primeiras mensagens proferidas pelo Papa São Paulo VI sublinham a importância do diálogo, perdão e a reconciliação como fundamentais para a construção da Paz⁷².

Relativamente ao Papa São João Paulo II (1920-2005), poderia destacar vários documentos e encontros importantes, contudo, como no ponto anterior já fiz referência, opto por destacar a encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, publicada a 30 de dezembro de

⁷¹ PAULO VI, *Populorum Progressio*, 8.

⁷² Cf. PAULO VI, *Mensagem do I Dia Mundial da Paz*, 1968, in *Comissão Nacional Justiça e Paz, Mensagens para a Paz – Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, Principia, Cascais, 2002.

1987. Este documento surge no vigésimo aniversário da encíclica *Populorum Progressio*, de São Paulo VI, tendo como objetivo reforçar, renovar e incentivar o papel decisivo da Igreja na sociedade, através da Doutrina Social da Igreja. Esta reforça o papel ativo dos cristãos na sociedade, ajudando a olhar a realidade com espírito evangélico e fraterno:

“Com isto, tenho em vista principalmente atingir dois objetivos de não pequena importância: por um lado, queria render homenagem a este histórico documento de Paulo VI e ao seu ensinamento; e, por outro lado, seguindo o sulco traçado pelos meus veneráveis Predecessores na Cátedra de Pedro, reafirmar a *continuidade* da doutrina social da Igreja e, conjuntamente, o seu *renovamento constante*. Com efeito, continuidade e renovamento constituem uma comprovação do *valor perene* do ensino da Igreja”⁷³.

Tal como aconteceu com o Papa São Paulo VI, o Papa São João Paulo II procurou dar continuidade ao trabalho realizado na promoção da Paz, focando a sua atenção em dimensões estruturantes da sociedade: a família, os direitos humanos, os mais pobres, as religiões, a cultura⁷⁴.

Do contributo do Papa Emérito Bento XVI para uma visão cristã da Paz, considerei pertinente a homilia proferida aquando da sua visita a Assis em 2007, na Basílica de São Francisco de Assis. Da homilia, importa sublinhar a questão da conversão, uma das palavras fundamentais, tanto no âmbito religioso, concretamente cristão; como no âmbito da Paz Universal, aquando da abordagem, em contexto da PES, dos conceitos de diálogo, perdão e reconciliação. O Papa Bento XVI salienta que “falar de conversão significa ir ao centro da mensagem cristã e ao mesmo tempo às raízes da existência humana”⁷⁵. Construir a Paz implica também um esforço de conversão, um

⁷³ JOÃO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, 3.

⁷⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem do Dia Mundial da Paz*, 1968, in *Comissão Nacional Justiça e Paz, Mensagens para a Paz – Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, Principia, Cascais, 2002.

⁷⁵ BENTO XVI, *Homilia do Santo Padre durante a concelebração eucarística presidida na praça inferior da Basílica de São Francisco*, 17 de junho de 2007.

reconhecimento dos erros, para que se possa entrar num sincero e verdadeiro momento de reconciliação, de Paz. Claramente esta homilia aponta para um possível caminho na concretização da Paz, mas ao mesmo tempo torna atual toda a reflexão anteriormente feita pelo Magistério da Igreja.

Por último, uma referência ao Papa Francisco, que nos vários documentos que escreveu, podemos encontrar pistas para a vivência da Paz, como por exemplo na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) e na Carta Encíclica *Laudato Si* (2015). No primeiro documento, destaca-se o papel do diálogo como contributo para a Paz e como forma de evangelização, onde é importante “projetar, numa cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos mas sem a separar da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões”⁷⁶. No segundo documento, encontramos também referência à Paz como resultado de uma verdadeira ecologia humana, na medida em que o ser humano se viver a sua espiritualidade de forma harmoniosa e equilibrada, então tudo o que o rodeia será vivido na procura do bem comum. Nesta linha, encontramos, também, nos últimos tempos, referências a uma Terceira Guerra Mundial e que importa destacar, dada a pertinência do tema aqui desenvolvido neste Relatório. Segundo o Papa Francisco, estamos perante uma Terceira Guerra Mundial aos pedaços:

“Olhem para os locais dos conflitos: falta de humanidade, agressão, ódio entre culturas e tribos, também uma deformação da religião, este é o caminho do suicídio, semear ódio. É um preparar a Terceira Guerra Mundial que está em andamento aos pedaços e acredito não exagerar nisto”⁷⁷.

Atendendo ao que diz o Papa Francisco, estamos perante conflitos que têm minado cada vez mais a harmonia entre todos os povos e religiões. A forma com tem

⁷⁶ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 239.

⁷⁷ <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-10/sinodo-jovens-2018-papa-francisco-encontro-intergeracional.html> consultado in 01.08.2019 12.59.

sido tratado o tema dos migrantes é outro tema que o Papa Francisco refere e que é preciso saber dar resposta, não esquecendo que todos já fomos migrantes ao longo da história:

“Acolher os migrantes é um mandamento bíblico, porque você foi migrante no Egito. Depois a Europa foi feita de migrantes. As culturas se misturaram. Devemos retomar, antes de um julgamento, a nossa história europeia. Eu sou filho de um migrante que foi à Argentina. Migrantes, recebidos com o coração e porta aberta. Mas o fechamento é o início do suicídio”⁷⁸.

No documento da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, o Papa Francisco apresenta três momentos significativos que estão a marcar a história e que ao mesmo tempo são oportunidades para a Igreja fazer valer a sua presença: o mundo digital, os migrantes e os abusos⁷⁹. Claramente é um tema que tem merecido especial atenção por parte do Papa Francisco e que no fundo demonstra como a Paz continua distante nos vários cantos do mundo.

Em conclusão, podemos afirmar que o contributo cristão da Paz assenta no forte compromisso com sociedade e o mundo em que vivemos, em que os valores cristãos da reconciliação, diálogo, tolerância, respeito pela dignidade humana, são caminhos para a construção da Paz. Tanto do ponto de vista bíblico como do Magistério da Igreja, encontramos referências à importância de adotar uma atitude ativa na forma como lidamos com a injustiça, a desigualdade, a falta de respeito pela liberdade do outro, o egoísmo. A Paz é um compromisso de todo o cristão, que exige responsabilidade de todos.

Deste modo, importa, agora, evidenciar algumas etapas da história acerca da Paz na contemporaneidade que foram resultado deste compromisso e responsabilidade, tendo por base os valores cristãos enunciados anteriormente.

⁷⁸ *Ibidem*.

⁷⁹ Cf. SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 2018, 21-31.

2.3 ETAPAS FUNDAMENTAIS DA HISTÓRIA ACERCA DA PAZ NA CONTEMPORANEIDADE

Em relação às etapas fundamentais da história acerca da Paz, procurei selecionar três momentos significativos na contemporaneidade, de modo a poder demonstrar o trabalho realizado na tentativa de pacificar o mundo.

O primeiro momento seria o contexto dos pós – II Guerra Mundial e a criação da ONU (1945), na tentativa de compreender as mudanças que surgiram, tanto a nível mundial, mas também na forma de olhar o ser humano.

Num segundo momento destacaria a Carta Encíclica *Pacem in Terris*, do Papa São João XXIII, em 1963, procurando integrar o mesmo no contexto do surgimento dos movimentos dos não alinhados.

Um terceiro momento significativo seria o Papa São João Paulo II e o Encontro de Assis, em 1986, procurando contextualizá-lo nas dinâmicas inter-religiosas e no desenvolvimento do movimento ecuménico.

Um quarto e último momento seriam o encontro e o documento assinado pelo Papa Francisco e o Grão Imame de Al-Azhar Ahamad al-Tayyib, em 2019 que dá continuidade ao trabalho desenvolvido pelos Papas anteriores.

2.3.1 Contexto do Pós II Guerra Mundial e a Criação da ONU (1945)

O contexto do Pós II Guerra Mundial é marcado, principalmente, por dúvidas, inseguranças, receios, tanto a nível europeu, como a nível mundial. Assistimos a variadíssimas tentativas de resistência e reconfiguração, tendo como base o desejo de uma Europa mais unida e que ao nível dos direitos humanos sejam feitos profundos e significativos progressos. Nesse sentido, a criação da ONU, em 1945, surge claramente

nesta linha de pacificação de um mundo claramente ferido. Vários foram os movimentos que no contexto do pós-guerra procuraram reorganizar a Europa. Um exemplo concreto é o movimento dos não-alinhados que tinham como princípios serem países neutros, em certa medida, em relação aos blocos que se criaram na Segunda Guerra Mundial. De certa maneira podemos falar de um caminho de cooperação no Pós II Guerra Mundial, caminho esse numa tentativa clara de mudança de paradigma, a nível político, social e humano. A falência de poder na Europa obrigou a um novo repensar. A declaração de Ialta, a 12 de fevereiro de 1945, assinada por Roosevelt, Churchill e Estaline, “mostrava uma Europa vazia de poder, obrigava ao reconhecimento da falência de cada uma das potências europeias envolvidas na guerra, estimulando os resistentes a desenvolver maiores esforços na procura da unidade europeia”⁸⁰.

Deste modo, a criação da ONU, em 1945, teve como principal objetivo a promoção da cooperação internacional e conseguir a paz e a segurança entre os povos. É uma organização mundial que desenvolve um trabalho notável em variadas vertentes, tendo sempre presente o foco da Paz: ao nível do trabalho; da educação, ciência e cultura; ao nível da infância; da agricultura e alimentação; ao nível da saúde, concretamente a SIDA; ao nível do desenvolvimento e, de forma muito atual, a questão dos refugiados. Como podemos ver, o esforço pela Paz não consiste apenas em considerar a guerra como único motivo para a ausência da Paz. Para uma verdadeira Paz, é necessário que todas as áreas onde está inserido o ser humano, seja feito o trabalho de oferecer uma vida com dignidade:

“O objectivo da ONU é unir todas as nações do mundo em prol da paz e do desenvolvimento, com base nos princípios de justiça, dignidade humana e bem-estar de todos. Dá aos países a oportunidade de tomar em consideração a

⁸⁰ M. ROLLO, “A Europa do Pós II Guerra Mundial: o caminho da cooperação”, *e-Dossier IHC* 1 (2016) 4.

interdependência mundial e os interesses nacionais na busca de soluções para os problemas internacionais”⁸¹.

Um dos documentos mais importantes da história da humanidade é a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a 10 de dezembro de 1948. Estamos a falar de um documento claramente fundamental que permite a todo o ser humano olhar a sua vida com um olhar de esperança e, acima de tudo, com dignidade. Tendo em conta as duas guerras mundiais que aconteceram, era urgente elaborar um documento que de alguma forma oferecesse uma proteção para com a vida humana, de modo a combater a escravatura, a tortura, a ausência de formação escolar, de acesso a cuidados de saúde, de poder viver de forma livre e em segurança.

Deste modo, tendo em conta o contexto do Pós II Guerra Mundial, a criação da ONU surge como mais uma organização que procurou, e ainda hoje o faz, a união de todas as nações, a promoção do diálogo entre todos os povos, a promoção de uma política e visão económica que não seja desequilibrada, mas que seja integradora, desde os países mais desenvolvidos aos que menos desenvolvidos. A carta encíclica *Pacem in Terris*, do Papa São João XXIII vem sobretudo dar consistência a este projeto da ONU, na medida em que é destacado no documento a importância de existir maior solidariedade entre todos os povos, procurando o respeito e a igualdade entre todos. Daí a importância de o documento surgir como uma das etapas da história mais significativas na construção da Paz.

⁸¹ <https://www.unric.org/pt/informacao-sobre-a-onu> consultado in 04.06.2019 10:52. Este site contém a informação que diz respeito ao funcionamento da ONU. A UNRIC é o Centro Regional de Informação das Nações Unidas que abriu em Bruxelas a 1 de janeiro de 2004, procurando trabalhar com todos os agentes relevantes na Europa – instituições europeias, governos, todos os segmentos da sociedade civil e órgãos de comunicação social; informar e envolver os europeus em questões de âmbito global.

2.3.2 Carta Encíclica Pacem in Terris 1963, Papa São João XXIII

A Carta Encíclica *Pacem in Terris*, do Papa São João XXIII, foi publicada a 11 de abril de 1963, tendo como principal objetivo e ao mesmo tempo missão, ser um contributo claro para a Paz entre todos os povos, sem qualquer tipo de exclusão. Este documento não pode ser abordado fora do seu contexto, tanto a nível social, político, económico, mas também ao nível da própria Igreja. Ela que também se vê envolvida pelo espírito transformador do Papa São João XXIII, na medida em que o documento é dirigido não apenas aos crentes, mas para todos os homens de boa vontade.

No que diz respeito ao contexto desta encíclica, podemos situá-la num momento significativo de mudança, isto é, o documento surge como um grito urgente de pacificar um mundo ainda ferido:

“As feridas da segunda guerra mundial ainda não se tinham cicatrizado completamente; o Muro de Berlim dividia a Europa; a Checoslováquia experimentava a invasão militar; havia repressão na Hungria; a crise dos mísseis em Cuba e os conflitos sino-indianos transtornou o equilíbrio estratégico no mundo; a corrida aos armamentos encontrava-se numa fase de vigorosa aceleração; e a Igreja padecia ferozes perseguições”⁸².

Deste modo, e compreendendo as divisões ainda presentes, a encíclica do Papa São João XXIII oferece linhas orientadoras para pacificar o mundo a partir de três dimensões chave: a pessoa humana, o direito e a fé. Estas, são abordadas e aprofundadas a partir da leitura que é feita da realidade, daí a escolha destas três dimensões.

Em relação à pessoa humana, o Papa refere que não deve existir distinção entre homens e mulheres, ambos criados por Deus à sua imagem e semelhança, membros de uma única família humana, dotados de direitos e deveres que devem ser respeitados,

⁸² http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/2003/documents/rc_seg-st_20031007_migliore-pacem-in-terris_po.html. consultado in 31.07.2019 15:04.

mas ao mesmo tempo cumpridos⁸³. Neste sentido, importa referir o contributo da ONU, ao criar a declaração universal dos direitos humanos, reforçando claramente a importância da justa igualdade de direitos e deveres. Contudo, o Papa São João XXIII vai mais longe na abordagem que faz sobre a pessoa humana, apresentando uma linha orientadora no que diz respeito à relação com os poderes públicos, isto é, afirma que o ser humano deve procurar sempre o bem comum, o equilíbrio, uma reta consciência moral, uma participação ativa na sociedade. Neste documento, não é apenas descrito a constituição e definição do ser humano, mas também é apresentado a sua relação com a realidade que o envolve que implica saber integrar.

Em relação ao direito, importa destacar que o Papa São João XXIII salienta que o bem comum resulta de uma autoridade que a promove de forma justa e honesta. Só assim podemos falar de defesa do direito de todos os povos. Mesmo no que se refere à Paz, só é possível quando deixam de existir desigualdades, daqui depreendemos que a Paz exige um compromisso sério pela defesa de todos. Esta forma de pensar abrange claramente a relação entre Estados, na medida em que deve estar sempre presente a verdade e a honestidade na forma de governar, através de políticas que favorecem a harmonia social que assenta em quatro pilares fundamentais: a justiça, a verdade, a caridade e a liberdade.

Em relação à fé, o Papa São João XXIII oferece um discurso claro e inspirador, colocando como princípio primeiro a ordem maravilhosa da criação, onde a fé surge como reflexo. Para o Papa a fé é um elemento indispensável para a pacificação do mundo. Através da religião, concretamente a cristã, podemos encontrar elementos que nos permitem olhar o mundo de forma harmoniosa, mais fraterna, com uma iluminação capaz de ser transformadora da própria vida e da vida dos outros à nossa volta. Contudo,

⁸³ Cf. JOÃO XXIII, *Pacem in Terris*, 9.

o Papa não deixa de referir que é necessário que os católicos tenham uma vida ativa na esfera pública, não deixando de se comprometer pelos desafios que são colocados, tendo sempre presente o bem comum e a harmonia:

“Exortamos os nossos filhos ao dever de participarem ativamente na vida pública e de contribuïrem para a obtenção do bem comum de todo o gênero humano e da própria comunidade política, e de se esforçarem, portanto, à luz da fé cristã e com a força do amor, para que as instituições de finalidade económica, social, cultural e política sejam tais que não criem obstáculos, mas antes facilitem às pessoas o próprio melhoramento, tanto na vida natural como na sobrenatural”⁸⁴.

Para além do papel ativo, o Papa destaca a importância do diálogo e cooperação entre crentes e não-crentes em favor de um mundo mais pacífico, sublinhando que os erros cometidos são oportunidades de começar de novo. A própria Igreja deve mostrar-se aberta a todos e representativa de todos, tanto ao Ocidente como a Oriente. Mais uma vez importa referir que este documento é dirigido a todos e não apenas aos católicos.

Neste claro incentivo ao diálogo podemos relacionar e contextualizar o Movimento Países Não Alinhados (MNA), visto que se situam entre dois grandes blocos, o comunista e o capitalista. O seu principal objetivo é ter um papel ativo nos assuntos internacionais, mas também, por vezes, serem mediadores entre países em conflito. O próprio Papa São João XXIII procurou, apesar das discordâncias, manter um diálogo com o comunismo, sublinhando o que de positivo se podia promover, dando o exemplo daquilo que deve ser o papel da Igreja, mas também dos Estados. O fato de ter ocupado funções diplomáticas, aliado à sua capacidade de diálogo e abertura, permitiram que houvesse grandes progressos e esforços na luta pela Paz. Na própria encíclica que escreveu, faz referência à importância de banir o uso das armas ou outro tipo de armamento prejudicial ao respeito pela dignidade humana:

⁸⁴ *Ibidem*, 145.

“Mas isto requer que, em vez do critério de equilíbrio em armamentos que hoje mantém a paz, se abrace o princípio segundo o qual a verdadeira paz entre os povos não se baseia em tal equilíbrio, mas sim e exclusivamente na confiança mútua. [...] Trata-se de um objetivo que só pode trazer bons frutos, porque as suas vantagens se farão sentir a todos: aos indivíduos, às famílias, aos povos e a toda a comunidade humana”⁸⁵.

Deste excerto importa sublinhar a importância do equilíbrio como chave fundamental para a promoção da Paz, bem como o reforço do desarmamento como caminho necessário, para que as relações entre as pessoas sejam marcadas pela confiança, e não o desejo de poder sobre o outro.

2.3.3 Papa São João Paulo II e o Encontro de Assis (1986)

O terceiro momento significativo, nesta abordagem às etapas fundamentais para a construção da Paz, situa-se, cronologicamente, a 27 de outubro de 1986. Foi o Encontro de Assis, promovido pelo Papa São João Paulo II. Este definiu-o como um evento para pedir pela Paz através da oração, de acordo com a confissão religiosa dos presentes. Claramente falamos de um dos momentos mais marcantes na construção da Paz. Anteriormente vimos dois momentos importantes na esfera social, política e económica, também religiosa, verdade seja dita, mas um pouco diferente deste acontecimento.

O Encontro de Assis foi um passo significativo na abertura da Igreja às outras religiões. No fundo, podemos dizer que foi o concretizar de um sonho já anteriormente desejado e só agora concretizado. De fato, não podemos dizer que este encontro tenha acontecido de forma inesperada ou meramente acidental; podemos afirmar com clareza que este encontro é fruto de todo um trabalho que a Igreja foi fazendo ao longo dos

⁸⁵ *Ibidem*, 113.

anos, desde o Concílio Vaticano II, até a este encontro que teve três momentos distintos: num primeiro momento podíamos defini-lo como o apresentar das razões para o encontro; o segundo momento seria o momento de oração por religiões; e um terceiro momento, talvez o mais simbólico, o momento de oração em conjunto pela paz, onde “cada grupo teve oportunidade de rezar e ser escutado pelos outros”⁸⁶.

Como fiz referência anteriormente, este Encontro de Assis foi sonhado e desejado pela Igreja, e como tal, ao longo dos anos, o Magistério da Igreja, desde o Concílio Vaticano II, procurou “preparar” o caminho para o Encontro de Assis, mostrando ao mundo a superação e abertura da Igreja a outras confissões religiosas.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) serviu de ponto de partida, na medida em que aborda a atitude da Igreja Católica em relação às outras religiões. São significativos quatro documentos: *Lumen Gentium* (1964), *Nostra Aetate* (1965), *Ad Gentes* (1965) e *Dignitatis Humanae* (1965). Importa destacar o contributo, de forma muito sintética, o contributo de cada documento. A *Lumen Gentium* refere que tudo o que de bom e verdadeiro existe nas outras religiões são uma espécie de preparação para receber o Evangelho de Cristo⁸⁷. No documento *Nostra Aetate* é referido o valor positivo das outras religiões, bem como, de forma fraternal, entrar em diálogo com as mesmas⁸⁸. O decreto *Ad Gentes* sublinha dois aspetos importantes: por um lado, fala da importância das religiões na preparação evangélica; e por outro, em AG 11, fala das «sementes do verbo» presentes nas outras religiões, sendo importante respeitar. Por último, a declaração *Dignitatis Humanae* aborda a questão da liberdade religiosa como um direito

⁸⁶ SILVA, J., “O Encontro de Assis: marco simbólico do diálogo inter-religioso”, *Theologica*, 2ª Série, 41/2 (2006) 273-297.

⁸⁷ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja (Lumen Gentium)*, 16.

⁸⁸ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a Igreja e as Religiões não-cristãs (Nostra Aetate)*, 2.

fundamental da pessoa humana⁸⁹. Estamos perante quatro documentos significativos e incontornáveis que abriram caminho para uma perspetiva mais aberta sobre a importância e o contributo das outras religiões.

Um segundo passo, pós Concílio Vaticano II, pode ser identificado nos magistérios do Papa São João XXIII e o Papa São Paulo VI. O primeiro, já citado por diversas vezes como o pioneiro da construção da Paz e na promoção das religiões como construtoras da paz, no contexto dos pós II Guerra Mundial; e o segundo, citado pela primeira vez, assume importância pelo movimento de renovação da Igreja, através da encíclica *Ecclesiam suam*. Renovação essa que passa pela Igreja saber fazer uma leitura dos tempos e entrar em diálogo com “o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio” (ES 65). Fazendo do diálogo com o mundo o seu programa para a Igreja, São Paulo VI enumera quatro círculos onde a Igreja deve estar presente: “o primeiro círculo refere-se a tudo o que é humano, ou seja, o diálogo com o mundo inteiro; o segundo círculo é o diálogo com os membros das outras religiões; o terceiro é com os outros cristãos e o quarto é o diálogo dentro da Igreja”⁹⁰.

Se prestarmos atenção aos quatro círculos, verificamos que o segundo círculo é mais uma vez significativo para a abertura da Igreja às outras religiões. Importa destacar o número 68 da encíclica *Ecclesiam suam*:

“Alegramo-nos e sentimo-nos confortados ao observar que o diálogo no interior da Igreja, e com os de fora que lhe estão mais próximos, se vai já praticando: a Igreja está hoje mais do que nunca viva! Mas, reparando bem, parece que tudo está ainda por fazer, o trabalho começa hoje e não acaba nunca. É lei da nossa peregrinação na terra e no tempo. É este, Veneráveis Irmãos, o múnus habitual do nosso ministério: tudo o que estimula hoje a renovar-se, a tornar-se vigilante e operoso”⁹¹.

⁸⁹ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a liberdade religiosa, (Dignitatis Humanae)*, 2.

⁹⁰ SILVA, J., “O encontro de Assis: marco simbólico do diálogo inter-religioso”, 279.

⁹¹ PAULO VI, *Ecclesiam suam*, 68.

Um terceiro passo é dado pelo Papa São João Paulo II através de dois documentos significativos que permitem cada vez mais uma maior aproximação a outras religiões, são eles: a *Redemptor hominis* (1979) que praticamente apresenta o programa do seu pontificado. Neste documento destaco, pela relevância do tema aqui tratado, a importância do diálogo inter-religioso, bem como o diálogo ecumênico. O segundo documento é a encíclica *Dominum et vivificantem* (1986) que é dedicada ao Espírito Santo e que refere a ação do mesmo para além dos limites visíveis da Igreja.

Para além dos documentos, podemos destacar três encontros simbólicos: Casablanca, em 1985, onde o Papa juntamente com o rei de Marrocos, Hassan II, se encontram no contexto do Ano Internacional da Juventude, promovido pela Organização das Nações Unidas; na sinagoga de Roma, em 1986, pela primeira vez um Papa entra no espaço de culto dos judeus; e no mesmo ano ainda, a visita do Papa à Índia onde no seu discurso destaca que a Igreja reconhece as verdades que estão contidas nas tradições religiosas da Índia.

Como podemos observar, o Encontro de Assis não foi uma obra do acaso ou que se tenha realizado de forma acidental. Claramente entendemos que este encontro foi preparado durante vários anos. A própria Igreja preparou-se, do ponto de vista dos documentos que escreveu, para esta abertura às outras religiões. Estas, como fez referência o Papa São João XXIII são importantes para a pacificação do mundo. Ainda a propósito sobre a abertura às outras religiões, importa o contributo de Hans Küng que refere:

“A meta de um entendimento universal entre as religiões deve ser um etos comum da humanidade, mas um etos que não deverá substituir a religião. [...] Não se trata, pois, de chegar a uma religião única, nem a um cocktail de religiões, nem de substituir a religião por uma ética. Mas antes, de um empenho pela paz entre os homens das diferentes religiões deste mundo, o que constitui uma necessidade urgente. Pois: não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre religiões, se não existir diálogo entre

religiões. Não haverá diálogo entre religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver, se não houver um etos global, uma ética para o mundo inteiro”⁹².

Deste modo, podemos definir quatro elementos fundamentais do Encontro de Assis: o compromisso pela paz, as religiões como busca de Deus, o fim do exclusivismo e o diálogo inter-religioso. Importa salientar que apesar de a temática ser em torno do diálogo inter-religioso, o objetivo principal continua a ser destacar este acontecimento como um dos caminhos possíveis para a Paz, isto é, o trabalho desenvolvido também na esfera da religião.

2.3.4 Documento da Fraternidade Humana pela paz mundial e a convivência comum (2019)

No seguimento do que atrás foi dito, destacamos ainda, num período muito recente, o encontro entre o Papa Francisco e o Grão Imame de Al-Azhar Ahamad al-Tayyib (2019). Estamos a falar de um encontro entre o líder da Igreja Católica e a maior autoridade do Islão sunita moderado. Deste encontro, podemos destacar alguns temas significativos que foram abordados: o compromisso comum das autoridades e dos fiéis das grandes religiões para a Paz no mundo, da rejeição da violência e do terrorismo, da situação dos cristãos no contexto dos conflitos e das tensões no Médio Oriente, e da sua proteção⁹³. Temas claramente atuais e que têm provocado forte instabilidade nas relações entre cristãos e muçulmanos. De forma a dar maior visibilidade a este encontro e mostrar ao mundo o esforço por construir a Paz, foi assinado um documento em conjunto com o tema *Fraternidade Humana pela paz mundial e a convivência comum*⁹⁴. É um documento escrito com um sentido profundo de pertença ao mesmo Deus criador,

⁹² H. KUNG, *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, Multinova, Lisboa, 2005, 17.

⁹³ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html consultado in 01.08.2019 14:10.

⁹⁴ Cf. *Ibidem*.

sem ferir questões doutrinárias mais sensíveis, mas com imensa seriedade e sinceridade na sua forma de descrever mais aquilo que os une do que aquilo que os separa. Neste sentido, importa transcrever um excerto do prefácio como começa o documento:

"A fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres"⁹⁵.

Este lado da fé de ver o outro como um irmão é condição essencial para a Paz. Esta só é possível se cada um de nós olhar o outro não como inimigo ou diferente de mim, porque partilha de ideias ou convicções religiosas diferentes, mas aprender a reconhecer no outro as suas virtudes, qualidades humanas, a história e a cultura de onde vêm, as alegrias e tristezas, como refere o documento:

“Partindo deste valor transcendente, em vários encontros dominados por uma atmosfera de fraternidade e amizade, compartilhamos as alegrias, as tristezas e os problemas do mundo contemporâneo, a nível do progresso científico e técnico, das conquistas terapêuticas, da era digital, dos *mass-media*, das comunicações; a nível da pobreza, das guerras e das aflições de tantos irmãos e irmãs em diferentes partes do mundo, por causa da corrida às armas, das injustiças sociais, da corrupção, das desigualdades, da degradação moral, do terrorismo, da discriminação, do extremismo e de muitos outros motivos. De tais fraternas e sinceras acareações que tivemos e do encontro cheio de esperança num futuro luminoso para todos os seres humanos, nasceu a ideia deste Documento sobre a *Fraternidade Humana*”⁹⁶.

No que diz respeito ao conteúdo do documento, este salienta a importância de visão diferente para os temas fundamentais como a família, a preocupação pelos pobres e mais frágeis, os líderes mundiais e a forma como gerem a política, os extremismos e as questões éticas, a própria vivência da religião e a forma como está presente nas

⁹⁵ *Ibidem.*

⁹⁶ *Ibidem.*

sociedades, a preocupação pela liberdade de cada um, o respeito pelos espaços de culto, um olhar novo sobre o conceito de cidadania em que se procura por fim a minorias, a importância de reforçar os direitos das crianças.

No fundo, é um documento que faz um forte apelo para uma mudança de atitude que implique claramente o desejo de contruir a Paz, começando pelas escolas, universidades e institutos de formação. É um texto que deve ser motivo de análise de forma a que todos aqueles que trabalham pela paz tenham consciência do caminho a percorrer e o que é preciso mudar:

“[...] seja um convite à reconciliação e à fraternidade entre todos os crentes, mais ainda, entre os crentes e os não-crentes, e entre todas as pessoas de boa vontade; seja um apelo a toda a consciência viva, que repudia a violência aberrante e o extremismo cego; um apelo a quem ama os valores da tolerância e da fraternidade, promovidos e encorajados pelas religiões; seja um testemunho da grandeza da fé em Deus, que une os corações divididos e eleva a alma humana; seja um símbolo do abraço entre o Oriente e o Ocidente, entre o Norte e o Sul e entre todos aqueles que acreditam que Deus nos criou para nos conhecermos, cooperarmos entre nós e vivermos como irmãos que se amam. Isto é o que esperamos e tentaremos realizar a fim de alcançar uma paz universal de que gozem todos os homens nesta vida”⁹⁷.

Deste modo, feita uma breve referência a alguns acontecimentos da contemporaneidade que marcaram a história acerca da Paz, importa refletir acerca do modo como a visão cristã pode ser entendida como contributo para uma reflexão atual acerca do sentido dessa mesma noção de Paz.

2.4 O CONTRIBUTO DA EMRC PARA A PAZ

A disciplina de Educação Moral Religiosa Católica tem como finalidade a formação integral do ser humano, e como tal, tem uma palavra a dizer e um contributo a fazer para a questão da Paz.

⁹⁷ *Ibidem.*

Atendendo ao Programa de 2014, podemos dizer com clareza que o tema da Paz é trabalhado de forma direta e indireta. Diretamente, porque existe uma unidade letiva inteiramente dedicada ao tema da Paz que é a Unidade Letiva 4 do 7º Ano, do 3º Ciclo de Ensino Básico, onde os alunos procuram aprofundar o tema a partir de cinco objetivos: valorizar a Paz como valor orientador do sentido da realidade humana; interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz; reconhecer que o direito à Paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos; reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa; e identificar a Paz como elemento essencial da identidade cristã a partir dos textos bíblicos⁹⁸. Obviamente, estes objetivos desdobram-se em conteúdos extramente importantes a trabalhar com os alunos e que os ajudam a compreender a importância da Paz, mas também a reconhecer os perigos que existem à nossa volta e que provocam situações de rutura e a ausência da Paz.

Podemos afirmar que o Programa de 2014 aborda o tema da Paz indiretamente, na medida em que encontramos em todos os ciclos uma meta que trabalha a questão da Paz que é a meta “N”, isto é, a promoção do bem comum e o cuidado do outro. Trabalhar pelo bem comum e pelo cuidado do outro é trabalhar para a Paz. Uma ideia que está presente nos pontos anteriores. Mesmo os próprios temas abordados nos diversos ciclos acabam por ser propostas que no fundo promovem a Paz: o respeito pelo outro, a importância da vida familiar, a educação para o respeito da natureza, a importância da verdade, a vida em grupo, a forma como se vivem os afetos e a liberdade, a utilização da política ao serviço dos outros e não para benefício próprio, a vivência do amor, a importância da solidariedade e a fraternidade, a valorização do

⁹⁸ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 82.

diálogo na sociedade, na política, na religião. Estamos a falar de temas que indiretamente e diretamente promovem a Paz no concreto do dia-a-dia. E como tal, a disciplina de EMRC surge como um contributo extramente valioso no diálogo pela Paz.

Fazendo agora um olhar mais global sobre o programa, o tema da Paz Universal está presente nos vários ciclos do ensino básico, bem como no secundário. Concretamente, no primeiro ciclo, encontramos referência, em anos diferentes, a temas relacionados com a Paz: ter um coração bondoso (1º Ano, Unidade Letiva 1), ser amigo (2º Ano, Unidade Letiva 1), Deus é Amor (2º Ano, Unidade Letiva 4), ser verdadeiro (4º Ano, Unidade Letiva 1) e o perdão (4º Ano, Unidade Letiva 3). Se observarmos atentamente, encontramos desde o primeiro o ciclo a construção de uma base de valores importante para os alunos e que evidencia, de forma prática, que a Paz se constrói nos pequenos gestos do dia-a-dia. Em relação ao segundo ciclo, encontramos três temas fundamentais que vêm enriquecer o conceito de Paz e garantir aos alunos uma correta visão de como se relacionar com aqueles que nos rodeiam: viver juntos (5º Ano, Unidade Letiva 1), construir fraternidade (5º Ano, Unidade Letiva 4), e a pessoa humana (6º Ano, Unidade Letiva 1). Estamos a falar de temas que levam os alunos a refletirem como vivem uns com os outros, a sua capacidade de colocar ao serviço dos outros os seus talentos, de saberem respeitar os outros para uma convivência saudável, a importância de olhar os outros como irmãos, compreender que quando ajudo o outro faço-o porque vejo no outro um irmão, a importância de nos compreendermos enquanto pessoas, dotadas das dimensões biológica, social e espiritual. Estas quando orientadas pelos valores cristãos, permitem uma melhor realização da pessoa humana, ajudam a encontrar um caminho com sentido. No que diz respeito ao terceiro ciclo, concretamente no 8º Ano, encontramos duas Unidade Letivas que podem ser importantes para uma construção da Paz: ecumenismo e liberdade. Estamos a falar de dois temas

fundamentais e que podemos perfeitamente encontrar ao longo da história momentos significativos de verdadeiro ecumenismo: o Concílio Vaticano II. Por outro lado, o tema da liberdade constitui-se como importante reflexão com os alunos, na medida em que é importante ajudá-los a compreender o sentido da liberdade e o correto uso da mesma. Por último, no secundário, sendo a disciplina de EMRC dada por módulos temáticos, destaco três temas importantes que podem ser ligados ao tema da Paz: valores e ética cristã (Unidade Letiva 2), a civilização do amor (Unidade Letiva 4) e um sentido para a vida (Unidade Letiva 6). Estes temas procuram ajudar os alunos a adquirirem um sentido para os valores que defendem e acreditam, a compreender as raízes dos mesmos, do ponto de vista bíblico aprender a identificar os textos que apontam para as questões éticas e princípios cristãos. No que diz respeito à civilização do amor, é curioso e pertinente a opção do manual em propor aos alunos alguns textos do Magistério da Igreja: *Octagesima Adveniens*, 1971, do Papa São Paulo VI; *Diálogo entre culturas para uma Civilização do Amor e da paz*, 2001, do Papa São João Paulo II; *Deus caritas est*, 2005, do Papa Emérito Bento XVI; *o Discurso de despedida*, JMJ, Brasil, 2013, do Papa Francisco. Nesse sentido, existe uma complementaridade entre os conteúdos da disciplina e a visão cristã. Em relação à Unidade Letiva acerca do sentido para a vida, os alunos são convidados a olharem a vida como um dom e com sentido, como vocação, e que uso da mesma deve ser expressão de verdadeira dignidade. Como tal, é importante a reflexão acerca do compromisso e responsabilidade, que as ações positivas e negativas têm repercussões na vida dos outros. Como fiz referência anteriormente, a construção da Paz é feita tendo presente o valor da vida humana e a sua dignidade. Nas etapas da história contemporânea a que fiz referência, é notório a preocupação por construir uma sociedade mais justa e equilibrada, onde exista o respeito pelo ser humano.

Deste modo, podemos afirmar que o programa de EMRC claramente evidencia o contributo cristão para uma visão da Paz, bem como apresenta acontecimentos históricos importantes para ajudar os alunos a compreender o esforço que tem sido feito em prol da Paz: a luta contra o Apartheid, por Nelson Mandela; a criação do dia mundial da Paz, pelo Papa São Paulo VI; a carta encíclica *Pacem in Terris*, do Papa São João XXIII; a declaração sobre o direito dos povos à paz, da Assembleia Geral das Nações Unidas e a criação da ONU; o exemplo de Mahatma Gandhi na resolução de conflitos através do pacifismo; a Declaração Universal dos Direitos Humanos; a criação da União Europeia; a criação da ACNUR, Alto Comissariado da Nações Unidas para os Refugiados; a criação Amnistia Internacional; a criação do Tribunal Internacional dos Direitos do Homem; a criação do Prémio Nobel da Paz. O manual apresenta todos estes acontecimentos, para que os alunos compreendam que a construção da Paz é possível e que exige sempre o empenho e colaboração de todos. Um dos trabalhos de projeto no primeiro período de aulas foi um trabalho de grupo em que os alunos procuravam conhecer o trabalho desenvolvido de cada instituição de promoção da paz, resultando numa exposição acerca das instituições.

Tendo em conta toda a reflexão desenvolvida até aqui, em que apresentei uma visão cristã da Paz, enunciei algumas etapas significativas na contemporaneidade acerca da Paz, e demonstrei o papel fundamental da disciplina de EMRC para uma visão da Paz e a sua construção, importa, agora, apresentar uma proposta que seja reflexo de toda a reflexão e que possa ser trabalhada com os alunos em sala de aula ou como um projeto extracurricular, isto é, propor um itinerário pedagógico capaz de levar os alunos a trabalharem os conteúdos da Unidade Letiva, a Paz Universal, de uma forma diferente e criativa. Uma proposta que farei no ponto seguinte é a possibilidade de um projeto que resulte numa exposição de poemas alusivos ao tema da Paz.

3. EDUCAR PARA A PAZ: PROPOSTA DE ITINERÁRIO PEDAGÓGICO

3.1 ENQUADRAMENTO DO ITINERÁRIO PEDAGÓGICO

A proposta que faço para este último ponto do meu RFPES, tem como pano de fundo a experiência adquirida, não só da minha prática no âmbito da PES, não só do aprofundamento teórico acerca da Paz, mas também da experiência onde exerço atualmente a minha atividade como docente, num contexto diferente da PES. Esta complementaridade, isto é, estagiar num colégio religioso e exercer a minha atividade como docente num colégio não-religioso, permitiu encarar esta proposta pedagógica de outra forma, ou seja, propor um itinerário que possa ser perfeitamente aplicado em qualquer contexto. Um pouco na linha do que é a própria matriz da disciplina de EMRC: uma disciplina que procura a formação integral do ser humano, e não a criação de futuros cristãos, e como tal, pode estar presente em qualquer contexto escolar. O colégio onde exerço a minha atividade como docente é um colégio laico, onde existe uma forte aposta na formação integral dos alunos que passa pelos valores humanistas. Estes, não deixam de estar perfeitamente compatíveis com a formação proposta pela disciplina de EMRC. Mesmo sendo uma escola laica, é “aberta a todos os credos e religiões, pretende ser – como na sua fundação – um espaço de liberdade e de diálogo permanentes entre as várias correntes de pensamento”⁹⁹. Mesmo no que diz respeito aos objetivos gerais e opções educativas, procura-se uma educação para os valores e para a cidadania:

“Alertar o aluno para as grandes causas, como o combate à violência e às desigualdades económicas e sociais, a injustiça, a desumanização das sociedades competitivas e consumistas, a destruição do património, a defesa do meio

⁹⁹ *Projeto Educativo do Colégio Moderno em vigor, 2.*

ambiente, e envolvê-lo em projetos de solidariedade nacional e internacional, são os pontos fulcrais da educação para os valores do Colégio Moderno”¹⁰⁰.

Assim, o contributo que irei apresentar, é reflexo, tanto da experiência de estágio num colégio católico, como num colégio não-católico, procurando demonstrar a importância de trabalhar o tema da Paz e o seu contributo fundamental para uma formação integral do aluno no âmbito da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica.

Deste modo, irei apresentar como proposta de itinerário pedagógico a construção de poemas dedicados ao tema da Paz, onde os alunos, partindo dos conteúdos lecionados procuram construir uma mensagem de paz. A poesia é uma forma de expressar o que nos vai na alma, mas também é um instrumento para passar uma mensagem, “não há poesia sem grande atenção ao Mundo e aos mundos de que o Mundo se faz: interior-exterior; passado-presente-futuro; recebido-criado”¹⁰¹. Tendo em conta o tema da UL 4, a Paz Universal, creio que é uma oportunidade para os alunos, partindo das palavras-chave da unidade, construir poemas que sejam reflexo do mundo em que vivemos, dos estados de espírito, das angústias e alegrias que por vezes sentimos:

“Tal como a poesia, uma escola é um lugar de muitas vozes. Escutar essas vozes é uma grande pedagogia contra a prepotência do mesmo monossílabo, seja ele um sim único ou um não absoluto”¹⁰².

De forma complementar, a poesia também é uma forma de educar, de ajudar a crescer, a dar um sentido diferente à própria vida. “A poesia é, de facto e de direito, uma

¹⁰⁰ *Ibidem*, 4.

¹⁰¹ C. MODERNO, *A Paz vista pelos alunos do Colégio Moderno*, 9.

¹⁰² *Ibidem*, 11. Esta citação pertence a José Manuel do Santos ao fazer uma introdução ao livro anteriormente citado, destacando a importância da poesia como instrumento de cultura e pedagogia.

grande pedagogia contra a distração e o alheamento, contra a desatenção ao mundo e contra a des-nomeação do mundo”¹⁰³. Se tivermos em conta as palavras-chave a serem utilizadas para a construção dos poemas, certamente verificaríamos a pertinência e até mesmo urgência de os declamar: a paz, o diálogo, o perdão, a reconciliação, os direitos, a fraternidade, o bem, o amor, a felicidade.

Como metodologia a utilizar para trabalhar esta proposta pedagógica, os alunos irão explorar todos os conteúdos da Unidade Letiva 4, a Paz Universal: a paz como o grande sonho da humanidade; as situações de ausência de paz; o direito à paz; a promoção do bem comum; a mensagem bíblica sobre a paz; e a missão das religiões. Em grupo, farão uma seleção cuidadosa dos conteúdos, bem como a distribuição das tarefas por cada elemento do grupo. É importante definir bem o que se pretende e detalhadamente, orientar os alunos no seu trabalho, visto que os alunos têm dificuldade em trabalhar em grupo. Com esta metodologia, pretendo destacar a importância do trabalho cooperativo como forma de trabalhar os conteúdos e de rentabilizar ao máximo o papel do aluno na construção do próprio processo de aprendizagem.

Para além desta questão metodológica, é importante oferecer aos alunos um conjunto de poemas que sirvam de orientação / inspiração, para a compreensão do que é pedido, nunca esquecendo a componente criativa dos alunos e a liberdade para expressar o que pensam. Como faz referência José Manuel dos Santos “não há poesia sem criação e sem prescrição de linguagem. A poesia é assim uma grande pedagogia contra o lugar comum, o cliché, a vacuidade ou a tagarelice de uma época”¹⁰⁴. O manual da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica, do 7º Ano de Escolaridade, contém alguns poemas dedicados ao tema da paz: *A paz sem vencedor e sem vencidos*, de Sophia de Mello Breyner Andresen; *Cantata da Paz*, de Sophia de Mello Breyner

¹⁰³ *Ibidem*, 9.

¹⁰⁴ *Ibidem*, 10.

Andresen; a Oração de São Francisco de Assis. Estando nós a celebrar o centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen, surge com pertinência esta proposta pedagógica de trabalhar a paz com os alunos através da poesia.

3.2 PLANIFICAÇÃO DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Após o enquadramento teórico da proposta pedagógica, mas também de toda a reflexão anteriormente desenvolvida, importa, agora, apresentar um plano de concretização, de modo a compreendermos melhor como pode ser trabalhado os conteúdos da Unidade Letiva 4 acerca da Paz Universal, utilizando a poesia. A planificação que proponho pode ser executada durante a lecionação da Unidade Letiva 4, a Paz Universal, ou como uma atividade de projeto fora do período de lecionação.

Importa sublinhar o papel que assume a boa explicação, orientação do projeto, para que possa produzir os frutos que se desejam, isto é, a sistematização dos conteúdos, mas ao mesmo tempo estimular nos alunos o gosto pela poesia e mostrar que esta é uma forma de expressão e promoção da Paz. A poesia é a forma de tornar presente os problemas e as angústias que o ser humano trás consigo e que através da escrita torna visível e o dá a conhecer ao mundo. Como fiz referência anteriormente, concretamente na reflexão acerca da Paz, assistimos a vários passos significativos na construção da Paz, tendo como base a abertura para o diálogo e observar aquilo que une e não o que separa.

Nesta linha, o plano da atividade assentará numa forte vertente de trabalho em grupo que traz consigo todo um conjunto de questões importantes a trabalhar com os alunos e que indiretamente são elementos podem ser perfeitamente construtores da Paz: partilha de ideias, espírito de grupo, construir algo em conjunto, projetar um sonho, escutar opiniões diversas, capacidade de ceder, incentivar os colegas de grupo, liberdade

para escrever o que pensa e sente. Se atendermos a estas características do trabalho em grupo, compreendemos que são ideias que podemos encontrar presentes ao longo da história, quando se procurou encontrar caminhos para a Paz.

Plano da Atividade de Integradora
Projeto “Exposição de Poemas dedicados à Paz”

Plano de Trabalho **7º Ano**

Grupos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Aprendizagens Essenciais
Divisão da turma em seis grupos.	<p>- A paz: o grande sonho da humanidade. <i>Grupo 1</i></p> <p>- Situações de ausência de paz. <i>Grupo 2</i></p> <p>- O direito à paz. <i>Grupo 3</i></p> <p>- Promoção do bem comum. <i>Grupo 4</i></p> <p>- Mensagem bíblica sobre a paz. <i>Grupo 5</i></p> <p>- A missão das religiões. <i>Grupo 6</i></p>	<p>- Cada grupo faz uma leitura integral de cada tema.</p> <p>- Seleção dos conteúdos mais importantes.</p> <p>- Destacar palavras chave dos textos.</p> <p>- Redigir uma síntese de ideias.</p> <p>- Encontrar uma mensagem.</p> <p>- Construção de um poema em grupo.</p> <p>- Exposição com os poemas dos alunos.</p>	<p>Manual do 7º Ano de EMRC</p> <p>Portefólio</p> <p>Cartolinas</p> <p>Canetas de Cor</p> <p>Lápis de Cor</p> <p>Imagens</p> <p>Placards</p>	<p>A. Linguagens e Textos</p> <p>B. Informação e Comunicação</p> <p>C. Raciocínio e Resolução de problemas</p> <p>D. Pensamento Crítico e Pensamento Criativo</p> <p>E. Relacionamento Interpessoal</p> <p>F. Desenvolvimento pessoal e autonomia</p> <p>I. Saber científico, técnico e tecnológico</p>

O projeto “Exposição de Poemas dedicados à Paz” tem como finalidade, em primeiro lugar, a sistematização dos conteúdos trabalhados na Unidade Letiva 4, a Paz Universal. Após as várias aulas dedicadas pelo docente à lecionação dos conteúdos, é sempre importante que exista um método para compreender se os alunos atingiriam as metas e objetivos propostos pelo programa da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica. Um dos suportes mais recorrentes é a realização de um teste de avaliação, contudo, não deixa de ser pertinente o suporte de projeto. Sabemos que o teste de avaliação é sempre um momento marcado pela ansiedade e por vezes não reflete na sua plenitude aquilo que o aluno trabalhou. Colocar os alunos a concretizar um projeto permite uma maior abrangência no processo de avaliação, permite que haja menos ansiedade na construção do projeto, estimula o trabalho em grupo, permite que sejam os alunos a tomarem como seu o processo de seleção dos conteúdos da Unidade Letiva, faz com que os alunos transformem o conhecimento em cultura através da poesia.

Uma segunda finalidade deste projeto é trabalhar a dimensão cultural dos alunos. Claramente é um trabalho que pode ser feito em colaboração com a disciplina de Língua Portuguesa, visto que é uma matéria que é trabalhada pela mesma. Ao mesmo tempo, ao utilizar a poesia, como forma de explorar os conteúdos, a colaboração da disciplina de Língua Portuguesa, permite demonstrar o trabalho em parceria com outras áreas do saber. Como sabemos, os programas das disciplinas, bem como as aprendizagens essenciais, procuram dar resposta ao perfil que é pedido ao fim da escolaridade obrigatória¹⁰⁵.

Um terceira e última conclusão a retirar é o trabalho cooperativo. Atendendo ao percurso realizado na Prática de Ensino Supervisionado, um dos temas refletidos ao longo da PES foi a grande dificuldade que os alunos têm em trabalhar em grupo, da

¹⁰⁵ Cf.

falta de autonomia dos alunos perante um trabalho que seja feito por mais que um aluno. Além disso, constatamos que este problema tem repercussões no futuro, concretamente no mercado de trabalho, onde se verifica, por vezes, dificuldades de se trabalhar em equipa. Creio que a proposta deste projeto procura incentivar o trabalho cooperativo, dando ferramentas aos alunos de como deve ser o trabalho em grupo, daí ser importante, na primeira aula do projeto, dedicar o tempo de aula a uma boa explicação do projeto, definindo tarefas, criar grupos de trabalho que sejam equilibrados, bem como explicar todo o processo até ao momento final.

Importa agora apresentar como se operacionaliza este projeto. O objetivo é criar uma exposição onde os poemas dos alunos estejam espalhados pela escola, de modo a criar impacto na comunidade educativa, mas também nos próprios encarregados de educação que são o veículo primeiro na transmissão dos valores. Do ponto de vista estético ou como apresentar este projeto, proponho que sejam criados cartazes, para que sejam visíveis os poemas acerca da Paz.

Esta proposta encaixa perfeitamente em qualquer contexto escolar, isto é, num contexto de escola pública, escola privada católica ou numa escola privada que não seja católica. Tendo por base o contexto onde exerço a minha atividade como docente, é um projeto que pode ser concretizado no âmbito da semana da literatura, onde se promove o texto criativo.

Creio que este projeto seria uma forte mensagem para a comunidade educativa, e sem dúvida uma forma de promover a Paz.

CONCLUSÃO

Ao chegar ao fim deste Relatório Final da Prática do Ensino Supervisionada tenho consciência que o tema aqui refletido, em primeiro lugar, não esgota todas possibilidades de resposta, mas também chego à conclusão que os conflitos evidenciados ao longo da história contemporânea continuam a merecer reflexão e o empenho de todos no esforço de caminhar para a Paz. Os problemas de hoje continuam a ser resultado da profunda crise de valores que afeta, tanta a nível individual como a nível coletivo, a sociedade e o mundo. Nesse sentido, foi minha preocupação, desde o início, fazer deste Relatório um contributo útil para a reflexão acerca da Paz, mas também contribuir, com a minha experiência enquanto professor de EMRC, para uma educação para a Paz através da exploração dos conteúdos da Unidade Letiva, a Paz Universal, tendo noção que o importante é:

“[...] suscitar em nós e nos outros a convicção e a paciência de que não há soluções totais, mas sim soluções possíveis e imediatas, soluções que estão ao nosso alcance e que podem fazer «bola de neve» nos comportamentos e nas mentalidades nos diferentes círculos da sociedade em que nos movimentamos”¹⁰⁶.

Construir a Paz deve ser um objetivo desejado e alcançado. Como fiz referência, encontramos na contemporaneidade etapas importantes que demonstram a possibilidade de fazer da Paz uma luta positiva, concretamente nos exemplos de Mahatma Gandhi ou Martin Luther King. O próprio manual do 7º Ano da disciplina de EMRC destaca o papel importante destas duas figuras da história ao abordar o tema da Paz Universal. Mas também ao nível das instituições encontramos momentos significativos no esforço pela Paz, como por exemplo a ONU ao desenvolver uma luta constante pela defesa dos

¹⁰⁶ M. L. FRANÇA, T. PEREIRA, “A educação para a paz”, 157.

Direitos Humanos em todo o mundo. Ainda hoje, o trabalho desenvolvido por esta instituição continua a ser extramente importante, visto que ainda encontramos países que ignoram estes mesmos direitos. Mesmos os esforços desenvolvidos do ponto de vista da Igreja ao longo dos tempos são contributos indispensáveis para uma chamada de atenção à humanidade. O encontro de Assis iniciado pelo Papa São João Paulo II e depois continuado pelos pontificados seguintes, permite demonstrar que a construção da Paz também é feita de aproximações e de diálogo na esfera do religioso. Como refere Hans Küng, “não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões”¹⁰⁷. Neste sentido, é fundamental o contributo cristão para a Paz que assenta em três pilares importantes: o perdão, o diálogo e a reconciliação. Estes permitem que existe uma possibilidade de caminho em conjunto. Como refere o manual do 7º Ano de EMRC, o diálogo é um “meio para chegar a compreensão do outro, ao entendimento e para pôr termo a situações de conflito”¹⁰⁸, o perdão “ajuda a crescer, tornando a pessoa mais sensível aos sofrimentos dos outros e mais humana”¹⁰⁹ e a reconciliação procura “restabelecer uma relação quebrada”¹¹⁰. Deste modo, o contributo cristão aponta para a importância de construir a Paz a partir das relações humanas, tendo presente a dignidade da vida humana, o respeito pelo outro, mas acima de tudo a felicidade e a promoção do bem comum:

“O Cristianismo sempre se afirmou não apenas como experiência religiosa, mas também como projeto de sociedade, porque a sua doutrina ilumina a totalidade da existência humana; [...] pelos valores que inspira e pela grandeza da visão que tem do homem, é a base para um projeto de sociedade em que os cristãos aceitam convergir com todas as outras inspirações positivas do conviver humano”¹¹¹.

¹⁰⁷ H. KÜNG, *Religiões do Mundo: em busca dos pontos comuns*, 17.

¹⁰⁸ C. CARVALHO, (Coord), *Quero Saber! Manual do Aluno – Educação Moral e Religiosa Católica – 7º Ano do Ensino Básico*, SNEC, Moscavide, 2015, 138.

¹⁰⁹ *Ibidem*, 139.

¹¹⁰ *Ibidem*, 141.

¹¹¹ J. POLICARPO, *Prefácio às mensagens para o Dia Mundial da Paz*, in *Comissão Nacional Justiça e paz, Mensagens para a Paz – Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, Principia, Cascais, 2002, 5.

Neste sentido, podemos falar de uma complementaridade entre o contributo cristão e a oferta formativa da disciplina de EMRC.

Ao longo da PES foi um objetivo claro trabalhar a capacidade de ser concreto e não teórico. O mesmo posso aplicar a mim como docente que nem sempre é fácil ser claro, caindo, por vezes, em discursos teoricamente bonitos, mas que depois nem sempre é fácil aplicar. Nesse sentido, ao trabalhar com os alunos o tema da paz, foi uma aprendizagem tanto para os alunos como para mim.

A proposta de itinerário pedagógico, onde os alunos em grupo preparam uma exposição, surgiu a partir da experiência onde exerço a minha atividade de docente da disciplina de EMRC, onde é, de uma forma geral, privilegiado a dimensão cultural dos alunos. Nesse sentido, ao propor a construção de poemas e depois a sua exposição, resulta de dois elementos que considere importantes neste relatório: um primeiro elemento é a importância de os alunos saberem trabalhar em grupo, algo que por vezes nem sempre é uma tarefa fácil e que no durante o estágio foi tema de reflexão. Os alunos têm poucos hábitos de construir projetos em comum, e nesse sentido, a proposta que faço teve essa finalidade. Um segundo elemento é estimular nos alunos o gosto pela poesia, compreender que é um possível instrumento de promoção da paz, que é uma forma possível de canalizar a aprendizagem recebida na disciplina de Língua Portuguesa, que a poesia é uma forma de tornar visível as ausências e as carências da sociedade e do mundo em que vivemos, que é possível transformar os conteúdos da unidade letiva em poesia:

“Escreve-se poesia nomeando o mundo e também porque o mundo não nos é suficiente. Essa nomeação pode significar nomeação da ausência. Da ausência do que queremos: ausência de paz, ou de justiça, ou de liberdade, não como grandes e repetidas palavras vãs e vazias (isso seria a negação da poesia), mas

sim como qualidades do mundo que se nomeiam e como nomeações que significam, interpelam e atuam (isso é sempre a afirmação da poesia)”¹¹².

Deste excerto bastante pertinente, destaco sobretudo uma palavra que é transversal à proposta de itinerário pedagógico que é a interpelação. De fato, com este RFPES pretendo contribuir para uma reflexão acerca da paz, oferecendo uma possibilidade de abordagem do tema com os alunos, mas também que seja um trabalho interpelador, ajudando a compreender que todos somos construtores da paz nas pequenas situações do quotidiano e que é importante ser concreto nas ações e não apenas teórico.

Curiosamente, o Prémio Calouste Gulbenkian 2019 foi atribuído a um jornalista e escritor líbano-francês Amin Maalouf que escreveu um livro¹¹³ onde procura contribuir para um mundo mais pacífico, apresentado “pistas para que europeus e árabes possam cooperar na construção de um mundo melhor, no respeito pelo Estado de Direito e os Direitos Humanos”¹¹⁴. Claramente é mais um passo significativo entre o mundo ocidental e o oriental. Como fiz referência, quando abordei os momentos significativos da história na construção da paz, sublinho o encontro significativo entre o Papa Francisco e Grão Imame de Al-Azhar Ahamad al-Tayyib. Como sabemos, foi um encontro histórico pela proximidade entre as duas grandes religiões, mas sobretudo pelo documento que foi assinado que demonstrou ao mundo que é possível unir esforços quando existe vontade de trabalhar em conjunto por uma causa maior, a Paz.

¹¹² *Ibidem*, 10.

¹¹³ O livro de Amin Maalouf que é referido tem como título «*Le Naufrage Des Civilisations*», publicado em março de 2019.

¹¹⁴ <https://observador.pt/2019/07/17/escritor-amin-maalouf-vence-premio-calouste-gulbenkian-2019/> consultado a 17.07.2019 14:30.

BIBLIOGRAFIA

Documentos Curriculares

CARVALHO, C. (Coord), *Quero Saber! Manual do Aluno – Educação Moral e Religiosa Católica – 7º Ano do Ensino Básico*, SNEC, Moscavide, 2015.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014.

Documentos do Magistério

BENTO XVI, *Deus é Amor (Deus caritas est): o Amor Cristão*, Paulinas, Lisboa, 2006.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja (Lumen Gentium)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 59-114.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a Igreja e as Religiões não-cristãs (Nostra Aetate)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 215-218.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 343-418.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a liberdade religiosa, (Dignitatis Humanae)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 265-274.

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, S. João do Estoril, 2005.

FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho (Evangelii Gaudium)*, Paulus Editora, Lisboa, 2013.

FRANCISCO, *Louvado sejas (Laudato Si): sobre o cuidado da casa comum*, Paulus Editora, Lisboa, 2015.

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, 1987, in *Caminhos da justiça e da paz*, Rei dos Livros, 4ª edição, coordenação de Peter Stilwell, Lisboa, 2002, 648-699.

JOÃO PAULO II, *Mensagens do Dia Mundial da Paz*, 1968, in *Comissão Nacional Justiça e Paz, Mensagens para a Paz – Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, Principia, Cascais, 2002.

JOÃO XXIII, *Carta Encíclica Pacem in Terris*, 1963, in *Caminhos da justiça e da paz*, Rei dos Livros, 4ª edição, coordenação de Peter Stilwell, Lisboa, 2002, 211-252.

PAULO VI, *Carta Encíclica Ecclesiam Suam*, 1964, in *Caminhos da justiça e da paz*, Rei dos Livros, 4ª edição, coordenação de Peter Stilwell, Lisboa, 2002, 253-291.

PAULO VI, *Carta Encíclica Populorum Progressio*, 1967, in *Caminhos da justiça e da paz*, Rei dos Livros, 4ª edição, coordenação de Peter Stilwell, Lisboa, 2002, 398-428.

PAULO VI, *Mensagens do Dia Mundial da Paz*, in *Comissão Nacional Justiça e Paz, Mensagens para a Paz – Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, Principia, Cascais, 2002.

SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2018.

Estudos e Monografias

ALVES, M., “Dou-vos a minha paz (Jo 14, 27)”, *Communio* 6 (1985) 499-505.

ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, Mc Graw-Hill, Lisboa, 2008.

CARVALHO, J., “A utopia da paz na Bíblia”, *Cadernos ISTA* 9 (2000) 65-102.

CORTRIGHT, D., *Peace: A History of Movements and Ideas*, Cambridge University Press, Cambridge, 2008.

FERREIRA, F., “A Paz: problema fundamental da ética moderna”, *Communio* 6 (1985) 529-549.

FRANÇA, M. L., PEREIRA, T., “A educação para a paz”, *Communio* 2 (1989) 152-160.

GOMES, A., *A paz depende ti*, Cadernos Telos, Porto, 1974.

KANT, I., *A Paz Perpétua*, Livraria Educação Nacional, Porto, 1941.

KUNG, H., *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, Multinova, Lisboa, 2005.

MARTINI, C., *A força da paz: contributos para uma paz possível*, Paulinas, Lisboa, 1997.

MATTOX, J., *St. Augustine and the Theory of Just War*, Continuum Studies in Philosophy, New York, 2006.

MCKENZIE, J., *Dictionary of the Bible*, Geoffrey Chapman, London-Dublin, 1966.

MODERNO, C., *A Paz vista pelos alunos do Colégio Moderno*, Colégio Moderno, Lisboa, 2005.

- PÉGUY, C., *Os portais do mistério da segunda virtude*, Paulinas, Lisboa, 2014.
- POLICARPO, J., *Prefácio às mensagens para o Dia Mundial da Paz*, in *Comissão Nacional Justiça e paz, Mensagens para a Paz – Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, Principia, Cascais, 2002, 5-18.
- ROLLO, M., “A Europa do Pós II Guerra Mundial: o caminho da cooperação”, *e-Dossier IHC 1* (2016) 4-6.
- SILVA, J., “O Encontro de Assis: marco simbólico do diálogo inter-religioso”, *Theologica* 41 (2006) 273-297.
- VAZ, F., *João Paulo II: O compromisso pela Paz*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2016.

ANEXOS

Encontram-se aqui os materiais propostos par a concretização do projeto, começo por destacar os poemas que servem de modelo / orientação, para os alunos compreenderem o que é pedido e ao mesmo tempo se inspirarem. Os dois primeiros poemas constam do manual da disciplina de EMRC, do 7º Ano e pertencem a Sophia de Mello Breyner Andresen:

A Paz sem Vencedor e sem Vencidos

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Erguei o nosso ser à transparência
Para podermos ler melhor a vida
Para entendermos vosso mandamento
Para que venha a nós o vosso reino
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Fazei Senhor que a paz seja de todos
Dai-nos a paz que nasce da verdade
Dai-nos a paz que nasce da justiça
Dai-nos a paz chamada liberdade
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Sophia de Mello Breyner Andresen, in 'Dual'

Cantata da Paz

Vemos, ouvimos e lemos
Não podemos ignorar
Vemos, ouvimos e lemos
Não podemos ignorar

Vemos, ouvimos e lemos
Relatórios da fome
O caminho da injustiça
A linguagem do terror

A bomba de Hiroshima
Vergonha de nós todos
Reduziu a cinzas
A carne das crianças

DÁfrica e Vietname
Sobe a lamentação
Dos povos destruídos
Dos povos destroçados

Nada pode apagar
O concerto dos gritos
O nosso tempo é
Pecado organizado.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Para além destes dois poemas, apresento de seguida alguns exemplos de poemas feitos por alunos¹¹⁵, tendo como tema a paz, para demonstrar como é possível a concretização deste projeto:

A Paz é como uma pomba
Que voa para a felicidade,
Felicidade para um mundo
Sem ter culpa da maldade.

A maldade da guerra, do terrorismo
A maldade de uma pequena parte
Que impede que o mundo inocente
Seja um mundo com arte.

Aluno do 7º Ano

¹¹⁵ Os alunos pertencem ao Colégio Moderno que é o local onde exerço a minha atividade como docente da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica. O livro apresenta um conjunto de poemas dos alunos do 2º e 3º Ciclos, e Secundário que foram desafiados a criar poemas alusivos a Paz. Foi um projeto proposto ao Colégio Moderno.

A Paz é uma gaivota
Que não desiste do seu voo
Sobre um calmo e extenso oceano
Tentando tão persistente
Que os habitantes do oceano repleto de corais
Pensem em agir simplesmente
Para o seu bem e outros tais
Nem todos querem ajudar
E dar o braço a torcer
Para o oceano se tornar
Uma casa bonita e janota
Como o voo de uma gaivota.

Aluno do 7º Ano

Paz
Somos todos filhos
De uma importante geração
Mas estamos a ficar mais egoístas
Invejosos, maus e de impuro coração.

Queremos ser contra as guerras
E menos competitivos
Agir pacificamente
E da televisão não sermos cativos

Eu acho que o presidente Bush
Está sempre à caça de petróleo
Faz guerra e mais guerra sem motivos
Só porque tem cifrões nos olhos

A guerra mundial. Essa vergonha,
Matou soldados – todos se queriam matar
Minas, metralhadoras, pistolas
Ninguém agua para pacificar.

A paz é escassa nos dias de hoje
Mas não podemos festejar:
Vamos lutar, vamos vencer
E veremos a paz triunfar!

Aluno do 7º Ano

A paz é como uma pomba branca
Pomba presa a um cordel
Um cordel que o homem lhe atou
E essa pomba só não voa mais alto
Porque não a deixam voar

Aluno do 7º Ano

Paz é acordar noutro dia
Sentir a alegria
Sem saber que ela existe.

É uma mão
Que nos protege o coração
Contra a violência
Contra a maldição.

A paz tem de se agarrar
Pois, quando vamos para a apanhar,
Ela foge a sete pés

Sentimos a paz
Quando não ouvimos ameaças
Pessoa a correr
Outras a morrer

Sentimos a paz
Quando uma luz se acende
E vem para nos proteger
Luz essa, a da esperança
Esperança de que nunca nos aconteça,
Esperança de que desta vez a pomba venha p'ra ficar.

Para nós
A paz nunca lá está!
Mas na verdade
A paz existe sem precisarmos de a ver.

Aluna do 7º Ano

É um grande tesouro,
Vale mais do que o ouro,
Mais forte que um cavalo,
É da Paz que eu falo.

Portugal, Espanha,
Inglaterra, Alemanha,
Todos a querem,
Por isso não esperem,
Construam a Paz,
Não deixam isso para trás.

Quando a Paz existe,
Então ninguém resiste,
A fazer as pazes com os inimigos,
E a arranjar novos amigos.

Aluno do 7º Ano

